



"PARA SALVAR A NAÇÃO SOMOS ATÉ CAPAZES DE COMUNISMO": O NACIONAL-BOLCHEVISMO ONTEM E HOJE

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos¹

Resumo

O Nacional-Bolchevismo é uma ideologia de difícil enquadramento nas definições mais generalistas sobre a "esquerda" e a "direita": crítica do Ocidente e do cosmopolitismo propunha, por um lado, uma aproximação entre nacionalismo e marxismo, por outro, uma aliança entre Alemanha e União Soviética. O presente artigo analisa o seu surgimento no início do século XX, através de pensadores vinculados à "revolução conservadora" e ao "nacionalismo revolucionário" na Alemanha, caso de Ernst Niekisch, e sua atualização nas primeiras décadas do século XXI, a partir da produção do ideólogo russo Aleksandr Dugin e do movimento "Nova Resistência", atuante também no Brasil. A análise da história desta ideologia propõe uma série de questões para o estudo das relações entre o fascismo e o bolchevismo.

Palavras-chave

Nacional-Bolchevismo;
Fascismo;
Revolução Conservadora.

*"TO SAVE THE NATION WE ARE EVEN ABLE TO COMMUNISM": THE NATIONAL-BOLSHEVISM
YESTERDAY AND TODAY*

Abstract

National-Bolshevism is an ideology that is difficult to fit into the most general definitions of "left" and "right": criticism of the West and cosmopolitanism proposed, on the one hand, an approximation between nationalism and Marxism, on the other, an alliance between Germany and the Soviet Union. This article analyzes its emergence in the early 20th century, through thinkers linked to the "conservative revolution" and the "revolutionary nationalism" in Germany, such as Ernst Niekisch, and its update in the first decades of the 21st century, based on the production of Russian ideologue Aleksandr Dugin and of the "New Resistance" movement, also active in Brazil. The analysis of the history of this ideology raises a series of questions for the study of the relationship between fascism and bolshevism.

Keywords

*National-bolshevism;
Fascism;
Conservative Revolution.*

Introdução

A natureza, o parentesco e as fronteiras entre as ideologias e formas políticas do fascismo, do nazismo e do comunismo sempre provocaram e ainda provocam discussões acaloradas. É possível abrigar as diferentes experiências

¹ Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo; professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). E-mail: fvasconcelos@unilab.edu.br.

do fascismo e do nazismo, entre outras, sob o mesmo conceito? Quais as diferenças entre o fascismo e outros regimes autoritários ou populistas? As diferenças entre estas formas políticas e o comunismo soviético são de natureza acessória ou essenciais?

O debate teórico na historiografia é marcado por diferentes visões, a exemplo das que não admitem utilidade no conceito de fascismo (ALLARDYCE, 1979); das que englobam o nazismo como um dos casos específicos e extremos do fascismo (NOLTE, [1987] 1994); das que entendem o fascismo como doutrina, como prática política (movimento ou regime político) (PAXTON, 2007)²; e ainda das que apoiam o conceito de totalitarismo como forma de comparar ou mesmo igualar as experiências do nazismo e do comunismo soviético (DE FELICE, 1976; NOLTE, [1987]1994), e quem critica o uso do conceito (STERNHELL, 2000; FINCHELSTEIN, 2019)

O Nacional-Bolchevismo, objeto do presente ensaio, acrescenta um grau a mais de complicação neste debate, por esta razão, faz-se necessário evidenciar, de início, nossos pressupostos sobre o tema da comparação entre fascismo, nazismo e comunismo soviético. Entendemos que o uso do conceito de totalitarismo³ não deve conduzir a uma equiparação entre ideologias com pressupostos teóricos e percursos históricos diferentes. Além disso, as teses que equiparam fascismo, nazismo e comunismo acabam por confundir, na comparação, dimensões não equivalentes: ideologias são comparadas a regimes políticos e sistemas econômicos. Aqui, em diálogo com Sternell (2000), não consideramos o fascismo e o comunismo gêmeos (cúmplices e inimigos ao mesmo tempo), nem o nazismo uma imitação do stalinismo, reação compreensível ao "perigo bolchevique"; muito menos concordamos com a tese, defendida por Nolte (1994), de uma suposta origem marxista do fascismo, tese que toma por central interpretações heterodoxas do marxismo que influenciaram o fascismo, caso do sindicalismo revolucionário de Georges Sorel (1978)⁴.

² Para uma visão de conjunto sobre estas controvérsias, cf. Paxton (2007) e também Hobsbawm (1995).

³ A versão mais conhecida no debate em teoria política está na obra de Hannah Arendt ([1951] 2013), que o abordou como uma nova forma de governo, distinta de tiranias ou despotismos do passado, que teve oportunidade de surgimento com o colapso do sistema de classes, estruturador dos Estados Nacionais europeus após a Primeira Guerra Mundial, a partir do qual construíram-se movimentos apoiados não mais nas classes, nos partidos ou nos cidadãos, mas no poder das massas mobilizadas. A marca psicológica do homem-massa se caracterizaria pelo desprezo dos valores morais ligados aos direitos humanos e às instituições da democracia representativa, e pela valorização do racismo, do antissemitismo e do "culto à personalidade" do líder do movimento e da nação. As origens do totalitarismo são buscadas na articulação de três diferentes histórias de práticas, discursos e agentes: o imperialismo, o antissemitismo e as ideologias do cientificismo e do radicalismo político. Assim, apesar de suas diferenças ideológicas, o nazismo e o comunismo soviético seriam totalitários, pois buscariam o domínio total: através da massificação e da desresponsabilização; da propaganda; da organização em movimento; da solidão e do campo de concentração erigiu-se uma forma de governo sem espaços de convivência, deliberação e organização fora de um Estado em constante movimento de expansão, seja derivado das necessidades das "leis da Natureza" (nazismo), seja das "leis da História" (comunismo soviético).

⁴ A interpretação de Nolte, por sinal, acaba por efetivar uma tripla minimização: da longa tradição de direita anti-iluminista da qual deriva o fascismo (STERNHELL, 2009); das vinculações

Concordamos com o filósofo político brasileiro Ruy Fausto (2017a; 2017b), ao indicar que, apesar de totalitários, o nazismo e o stalinismo não teriam uma história comum, pertencendo a matrizes ideológicas de natureza distinta. O totalitarismo soviético, nesse sentido, não seria uma derivação necessária do comunismo como ideologia e movimento, ao contrário do nazismo, cujos princípios são necessariamente relacionados ao racismo e à violência. Nos vinculamos também à perspectiva do historiador italiano Domenico Losurdo (2003), em sua crítica a cristalização do conceito de totalitarismo no contexto da Guerra Fria como construção teórica que busca, ao condenar o comunismo como ideologia e a experiência soviética, deslegitimar todas as lutas de esquerda, especialmente a socialista⁵. Assim, embora os acusados sejam principalmente o colonialismo e o imperialismo, a principal intenção dos defensores do conceito de totalitarismo é condenar as lutas sociais de esquerda, principalmente socialistas, que passam a ser analisadas como risco potencial de uma sociedade totalitária equiparável a um movimento de direita como o nazismo, sem problematizar as raízes anti-totalitárias das ideias e dos movimentos socialistas e de esquerda⁶. Em lugar de uma análise concreta das condições materiais da sociedade soviética e do seu percurso histórico, apresenta-se uma justificação das ideologias liberais, sem o questionamento das imbricações entre o liberalismo, o colonialismo, o imperialismo e o nazismo⁷.

Mas, no que consiste o Nacional-Bolchevismo? As dificuldades de conceituação derivam, de início, da própria noção de bolchevismo, palavra que advém do seu significado circunstancial - disputa entre minoria (mencheviques) e maioria (bolcheviques) do Partido Operário Social-Democrático russo em 1903. Não havia nada, essencialmente, que dividisse uma fração da outra além de escolhas táticas. Mas, ao longo do tempo, as diferenças tornam-se mais visíveis: enquanto entre os mencheviques se encontram atores mais ligados a movimentos espontaneístas ou associados aos *narodniks*, populistas russos voltados à mobilização no campo, aos bolcheviques se associam aqueles mais centralizadores. Assim, o bolchevismo passou a ser caracterizado pelo vanguardismo revolucionário autoritário, centralizado no partido único em detrimento dos *soviets*, o que converteu o projeto de democracia de classe contra a burguesia em uma ditadura de uma fração da classe trabalhadora sobre as demais classes (LUXEMBURGO, 2017; KAUTSKY, 1979; FAUSTO, 2017a).

Surgido no início do século XX na Alemanha e na Rússia, o Nacional-Bolchevismo foi um movimento político que, embora crítico ao nazismo, possui

do fascismo e do nazismo aos interesses fundamentais das classes dominantes do capitalismo, mesmo que em uma "economia de guerra" ou de mercado controlado pelo Estado (PACHUKANIS, 2020); e das políticas de extermínio nazista (FINCHELSTEIN, 2019).

⁵ O alvo da crítica, além de Arendt, é o ultraliberal austríaco Friedrich Hayek ([1944]1986).

⁶ Não é à toa, nesse sentido, que se alimentam distorções extra-acadêmicas atualmente, como a tese do "nazismo de esquerda" (CARVALHO, s/d).

⁷ Para Losurdo, sem a análise das articulações entre liberalismo, colonialismo e imperialismo não se pode explicar como a construção político-ideológica das democracias representativas da Europa e dos Estados Unidos conviveu com o projeto de uma "autocracia racial global", cuja forma de expressão local foi o supremacismo racial nos Estados Unidos, visto por Losurdo como inspiração para o nazismo na Alemanha (LOSURDO, 2017). Argumentos similares ao do martinicano Aimé Césaire que, em 1978, apresenta o colonialismo moderno, assentado no escravismo das Américas e da África, como a "antessala" do fascismo e do nazismo.

semelhanças com ele, e, ao mesmo tempo, inspirava-se na revolução soviética e na estratégia de "comunismo em um só país" de Stalin, sendo inclusive defendido por alguns dos integrantes no Comintern (Internacional Comunista) na URSS⁸. Alguns dos historiadores e teóricos defendem até mesmo a ideia de que Lênin e Stálin foram precursores de um tipo de Nacional Comunismo implícito, mas negador da autonomia dos Nacionais Comunismos concorrentes e submetidos ao controle da URSS (HAMMOND, 1958). O Nacional Comunismo seria, segundo essa leitura, um tipo *sui generis* de ideologia não explícita presente na concepção de parcela militantes dos Partidos Comunistas convencionais (MARKUS, 1961).

O nascimento do Nacional-Bolchevismo como movimento político, no entanto, se realizou na Alemanha, após a Primeira Guerra. Uma primeira aproximação conceitual é apresentada em 1951, pelo historiador alemão Klemens von Klemperer⁹:

O Nacional-Bolchevismo representa um capítulo nas relações entre a Alemanha e a Rússia desde a Primeira Guerra Mundial. Como política que defende uma orientação Oriental para a Alemanha é um fenômeno dos mais intrigantes e até hoje muito agudo. Para aqueles educados no espectro de opiniões políticas em termos de Direita e Esquerda, com a extrema Direita sendo o oposto da extrema Esquerda, o Nacional-Bolchevismo parece um paradoxo. Ele sugere a reunião dos extremos. Mais concretamente, o termo representa uma aproximação entre o nacionalismo alemão e o comunismo russo. A história do Nacional-Bolchevismo é a história de dois "estranhos companheiros" (*strange bedfellows*). (KLEMPERER, 1951, p. 191, *tradução nossa*).

Para quem acompanhou mais de perto o conjunto de ideologias políticas radicais da primeira metade do século passado, como é o caso de Klemperer (1951), não havia dúvidas sobre a capacidade do Nacional-Bolchevismo mobilizar civis e exércitos, e não estava ainda evidente qual seria o seu poder no futuro. Para ele, o Nacional-Bolchevismo demonstraria sinais de renascimento no pós-guerra, a partir da Alemanha Oriental, de forma que ele se indagava se, com o fim do nazismo, estaríamos no caminho de um "Quarto Reich" Nacional-Bolchevique:

Ele [o Nacional-Bolchevismo] ilustrou com lucidez as semelhanças entre o fascismo e o comunismo e também a intensidade dos sentimentos pró-Rússia dos alemães. A força

⁸ No Comintern, o Nacional-Bolchevismo foi uma proposta apoiada criticamente, de forma tática ou ideológica, por Karl Radek, Nikolai Bukharin e Eugen Varga.

⁹ Klemperer (1916-2012) foi um historiador alemão especializado na história moderna da Europa, especialmente Alemanha no século XX. Construiu sua carreira nos Estados Unidos, ao emigrar fugindo do regime nazista.

do Nacional-Bolchevismo como força política se dá a partir da combinação de ambos os modelos. Nem mesmo o Nacional-Socialismo poderia evitar uma recorrência do Nacional-Bolchevismo [...]. A descoberta desse obstinado paradoxo deve levar a uma reavaliação do conhecimento convencional da causalidade. Se a origem do Nacional-Socialismo pode ser explicada pela coincidência de fatores históricos muito específicos, as raízes do Nacional-Bolchevismo devem ser mais profundas. Qual é, em última análise, a diferença entre o Terceiro Reich de Hitler e o que chamamos de "Quarto Reich" do Nacional-Bolchevismo? O Nacional-Bolchevismo é mais honesto, mais penetrante do que o Nacional-Socialismo; é o Nacional-Socialismo desmascarado. Seus dois atributos, nacionalismo e bolchevismo, implicam sua rejeição consciente das tradições ocidentais, do "assim chamado Ocidente". O Nacional-Bolchevismo é um "companheiro de viagem" ("fellow traveller") para a Rússia, tanto um Pan-Eslavo como um bolchevique por escolha [...]. O advento do "Quarto Reich" do Nacional-Bolchevismo nacional poderia significar o estabelecimento de um paradoxo final: o pôr do sol no Oriente (KLEMPERER, 1951, p. 209-211, *tradução nossa*).

No cenário ainda incerto do imediato pós-guerra, durante as negociações que dividiriam o mundo em dois blocos antagônicos na Guerra Fria e antes da recuperação política e econômica da Europa sob a influência da social-democracia e da forma política da democracia parlamentar associada ao Estado de Bem-Estar Social, a questão não pareceria tão absurda. Mas, visto do ângulo daqueles que viveram o século XX, a preocupação de Klemperer (1951) se demonstrou equivocada ou, ao menos, precipitada, tendo em vista a maneira como o nacional-socialismo e o fascismo foram condenados no plano das ideologias e das formas políticas aceitáveis no debate público, bem como pela ostensiva campanha contra o comunismo no Ocidente e sua posterior derrocada com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética.

Por isso mesmo, em razão do transcorrer concreto da história, deve soar estranho ao leitor atual a existência do Nacional-Bolchevismo como um problema teórico e político, especialmente para quem está familiarizado com a pouca afinidade com o tema do nacionalismo entre os marxistas e a necessária distinção entre o nacional-socialismo e o comunismo. Estas questões, contudo, não são pertinentes apenas ao começo do século XX. A ressurgência desta ideologia a partir do final da União Soviética, com a criação do Partido Nacional-Bolchevique (PNB) na Rússia e a expansão de uma de suas vertentes, como é o caso do "Nova Resistência"¹⁰

¹⁰ O Nova Resistência foi criado no Brasil em 1995, no Rio de Janeiro, com "células" espalhadas em outras cidades do país. Os seus integrantes se definem como uma "rede autônoma de dissidentes brasileiros, composta por nacional-revolucionários, eurasiáticos, nacional-bolcheviques, nacionalistas de esquerda, anticapitalistas de direita e adeptos da Quarta Teoria

- liderado pelo russo Aleksandr Dugin¹¹, com presença também no Brasil - demonstra que há algo a se explorar na hipótese de Klemperer (1951) a respeito da longevidade desta corrente política. Por esta razão, é essencial uma discussão a respeito da sua origem e natureza para fornecer parâmetros conceituais adequados para a interpretação do fenômeno, no passado e no presente.

Para contribuir com este intuito, o presente artigo está dividido em *três partes*.

Na *primeira*, aborda-se as origens do Nacional-Bolchevismo no contexto de crise da Alemanha e da Rússia, da virada do século XIX-XX ao período do entreguerras, e considerando suas interseções com o pensamento dos "revolucionários conservadores" de direita e com intelectuais comunistas da época

Na *segunda*, analisam-se as diferentes fases da história do Nacional-Bolchevismo como movimento político e os princípios fundamentais do seu programa ideológico a partir da ótica de suas principais lideranças.

Na *terceira*, aborda-se como a ideologia do Nacional-Bolchevismo é retomada na Rússia nos anos 1990 e, posteriormente, nos anos 2000, com o movimento Nova Resistência, proposta "nacional revolucionária" que conjuga temas do pensamento de esquerda e de direita. (VASCONCELOS, 2021).

Por fim, nas *considerações finais*, sintetizam-se os principais achados e problematiza-se o significado teórico e político do Nacional-Bolchevismo no interior da discussão sobre neofascismo, totalitarismo, esquerda e direita.

Origens do Nacional-Bolchevismo (1918-1934): "revolucionários conservadores" de esquerda?

Para a compreensão do Nacional-Bolchevismo e de seu relativo sucesso ou fracasso, é preciso considerar o contexto cultural e político na Alemanha desde o final do século XIX, no qual emerge uma "nova psicologia" pautada pela mútua influência literária e artística antimoderna e antiocidental. Na historiografia, esse

Política", contrários a "políticas econômicas neoliberais, ao imperialismo atlantista, à agenda globalista e ao lobby sionista nas mídias e no governo", com o objetivo declarado de "recrutar e treinar uma nova classe de soldados políticos capazes de ocupar espaços nas universidades, nos sindicatos, nas forças armadas, em centros culturais e todo o resto, de modo a aglutinar a maior base popular possível". A intenção, portanto, é de formar a base para um projeto político de transformação da sociedade, em um "caminho" patriótico, conservador, trabalhista e cristão, um "quarto caminho (para) além do liberalismo, do comunismo e do fascismo" (CARNEIRO; SAUDA, 2020, s/p.). O movimento não possui, pelo menos até o momento, influência político partidária expressiva. Mas, na esfera da metapolítica, ou seja, da "guerra cultural", a sua atuação é bastante produtiva. Cf. VASCONCELOS, 2021.

¹¹ "Alexandre Dugin nasceu em 7 de janeiro de 1962 em Moscou dentro de uma família de militares. No começo dos anos 80, sendo um dissidente do regime comunista - que estava então em plena decadência -, entrou em contato com pequenos grupos tradicionalistas e com círculos político-literários de Moscou. [...] Após a desintegração do sistema soviético, no começo dos anos 90, criou a Associação Arctogaya, o Centro de Estudos Metaestratégicos e depois as revistas Milyi Angel e Elementy, que existiram até 1998-99 respectivamente. Suas ideias foram influenciadas, a partir dos anos 80, pela "Nova Direita" europeia e principalmente por Alain Benoist [...] Dugin [...] é líder do Movimento Eurasiano Internacional e diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou" (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 08).

conjunto de tendências ficou conhecido como "revolução conservadora" - expressão aceita por uma grande parte dos atores envolvidos, inspirados pelo escritor russo Fiódor Dostoievski que, em 1876, conclamara seus compatriotas a serem, na Europa, "revolucionários pelo conservadorismo" (MERLIO, 2003).

O pessimismo, ou niilismo aristocrático, partilhado por escritores e filósofos como Dostoievski, Friedrich Nietzsche, Thomas Mann e Oswald Spengler¹² eram referências importantes no cultivo a uma individualidade cultural na Alemanha desde o fim do século XIX, que influenciou, posteriormente, após a 1ª guerra mundial, os jovens intelectuais nacionalistas, muitos ex-soldados, ressentidos contra a República de Weimar e os acordos de Versailles e a restauração da monarquia. Foi nessa ambiência que se criou um contexto cultural diferente, pautado pela afirmação de valores políticos ao mesmo tempo revolucionários e conservadores, nacionalistas e socialistas anti e pró bolcheviques, e que forneceu a base de mobilização de socialismos autoritários, de inspiração aristocrático-militar prussiana, do nacional-socialismo de Hitler e do Nacional-Bolchevismo (KLEMPERER, 1951).

Sobre esse contexto, entretanto, a posição mais difundida é a tendência geral na historiografia ocidental de ver a saída do nazismo do "conservadorismo revolucionário", no sentido que criou um terreno fértil para as atrocidades dos nazistas no futuro (ALEKSEEVICH, 2020). Logo, o foco, aqui, recai muitas vezes, e precisamente, na relação e interdependência do nacional-socialismo e da "revolução conservadora", no quadro dos pontos mais negativos, como o do antissemitismo. O ponto de vista marxista, por sua vez, é semelhante - tanto dos historiadores marxistas do Ocidente quanto da União Soviética que enfatizam o parentesco incondicional da "revolução conservadora" com o nazismo, com o acréscimo do argumento dos benefícios que foram adquiridos pelo capital monopolista e pelo capital empresarial em geral. Assim, o terreno ideológico estava limpo para a reação burguesa e para a implementação da política imperialista pela Alemanha, o que retiraria o caráter revolucionário desse conservadorismo¹³.

Vale a pena considerar a síntese feita por Dupeux (1994) das concepções de Arthur Moeller van den Bruck (1876-1925), uma das principais lideranças desse contexto, em seu livro *O Terceiro Reich* (1923), dividido em oito capítulos:

1. "Revolucionário": "nós queremos ganhar a Revolução".

¹² Sua obra "A decadência do Ocidente" ([1918]1986) foi uma referência fundamental nos debates historiográficos, filosóficos e políticos na Alemanha, além da obra "Prussianismo e Socialismo" (1924), defensora de um socialismo autoritário e nacionalista. Foi inspiração para o nazismo, mas posteriormente condenado pelos intelectuais do regime por conta do seu pessimismo e da recusa em assumir o tipo de racismo defendido pelos nazistas.

¹³ Alekseevich (2020, p. 04, *tradução nossa*): "O capitalismo como sistema econômico formou uma base comum para o liberalismo e o conservadorismo revolucionário. Assim, ambas as visões de mundo isolaram a luta de classes por meio da ideologia da unidade nacional, apoiaram o imperialismo alemão e não lutaram contra o antissemitismo. Como entender o "anticapitalismo" do conservadorismo revolucionário? Segundo Gershenberger, esse comportamento é entendido apenas em um contexto cultural, enquanto o conservadorismo economicamente revolucionário era guiado pelo empreendedorismo liberal e defendia o capitalismo empreendedor"

2. "*Socialista*": "Cada povo tem seu próprio socialismo": aos russos, o bolchevismo; aos italianos, o fascismo; aos alemães, uma forma própria ao seu Ser [...]
3. "*Liberal*": onde se designa o inimigo principal: "o liberalismo é a morte dos povos": de um lado, porque o liberalismo é o espírito crítico, corrosivo; de outro, porque ele resulta no "compromisso". Entretanto, o "compromisso liberal" é o contrário da "*decisão*", atitude de toda verdadeira política [...]
4. "*Democrata*": "A democracia é a participação do Povo no seu Destino": não necessariamente na decisão, mas no "espírito geral do povo".
5. "*Proletário*": "É proletário aquele que deseja sê-lo": onde Moeller afirma o primado da ideia em oposição ao determinismo econômico de Marx.
6. "*Reacionário*": "podemos retornar na política, não na História" - onde Moeller demonstra sua orientação "futurista", do "jovem conservador", em oposição à nostalgia tradicional do partido "nacional-alemão" [...].
7. "*Conservador*": "O conservadorismo tem, para ele, a eternidade": Moeller manifesta, aqui, a dimensão propriamente "fundamentalista" do conservadorismo, trazer de volta o essencial para abrir o caminho ao...
8. *Dritte Reich*, ao Terceiro Reich, no qual, ele diz "nós devemos ter a força de viver nas contradições", porque elas são a própria Vida, diferentemente das "*construções*" perfeccionistas dos racionalistas (DUPEUX, 1994, pp. 476-477, tradução nossa).

Klemperer (1951) aponta a similaridade entre a proposta de Möller van den Bruck - o povo alemão seria o portador do socialismo do futuro, que, ao contrário do socialismo marxista, visa a unidade de todo o povo e a superação da luta de classes - e a de Mussolini, quando este reivindica a ideia de "Terceira Via" ou "Terceira Posição" - uma síntese da ultrasquerda e da ultra direita em meio ao qual surge uma espécie de híbrido, questão que conduziu à proscrição da posição de Möller van den Bruck dos círculos marxistas.

O jurista russo Evguiéni Pachukanis (1891-1937), por sua vez, escrevendo sobre o fascismo entre 1926 e 1931, reitera a leitura marxista sobre o fascismo¹⁴ e

¹⁴ Como ditadura da grande indústria e do capital financeiro que mobiliza o ressentimento da pequena burguesia, o desejo de conservação dos proprietários rurais e as esperanças e a revolta dos trabalhadores. A sua emergência se daria pela crise do Estado imperialista, preparando o caminho para o fascismo que assume o poder aproveitando-se dos problemas da forma parlamentar em falência e institui uma ditadura de partido único fundada no apoio do exército e de milícias. Para além das questões doutrinárias (negação dos princípios liberais e democráticos), a essência do fascismo seria a guerra civil contra os trabalhadores, uma ofensiva aberta, apoderando-se das suas organizações, e agindo com coerção e violência (PACHUKANIS, 2020). Citando Manuilski (1927, p. 697 apud PACHUKANIS, 2020, p. 66), afirma: "O fascismo não é um novo método de governo, distinto de todo o sistema da ditadura burguesa. Quem pensa isso são os liberais". Ou ainda: a "social-democracia é a ala moderada do fascismo" (p.67).

contribui para a criação de um programa de pesquisas sobre as "teorias burguesas, social-fascistas e fascistas do Estado" útil para a comparação entre o bolchevismo e o fascismo (PACHUKANIS, [1931] 2020)¹⁵. Com este intuito, o autor analisa a história das ideias sociológicas e políticas¹⁶ influentes sobre os movimentos dos Jovens Alemães (*Jungdo*) e associações militaristas que se voltaram para a formação de um Estado coletivista "genuinamente germânico" através do princípio do "mito" político, inspirado no líder sindicalista radical Georges Sorel, e da palavra de ordem da "atividade política permanente".

Em relação às comparações entre a experiência soviética e o fascismo, ao citar a obra do ex-premiê italiano Francesco Savero Nitti, *Bolchevismo e Fascismo* (1927), Pachukanis reconhece como esta já era uma questão à época, derivada, em parte, do passado socialista de Mussolini e das práticas tomadas de "empréstimo". Outra referência é a de R. Dell, *O bolchevismo italiano às avessas* (1926), cuja ênfase recai nas diferenças.¹⁷ Essa discussão estaria situada no interior das "teorias burguesas" sobre origens, semelhanças e futuro destas formas políticas que se dividiam em três vertentes principais: as duas primeiras enxergariam os dois fenômenos como transitórios, derivados da situação de guerra e do hábito da violência, uma enxergando no fascismo, um mal menor, pois conservaria a ordem, e a outra, maior coerência doutrinária e prática no bolchevismo. Já a terceira posição admitia nas duas formas políticas um caráter de permanência, como uma nova filosofia do Estado em substituição ao Estado liberal.

A força dos paralelos entre as duas formas políticas, indica Pachukanis, seria favorecida também por teses defendidas por soviéticos, caso de Nikolai Bukhárin e sua concepção "do capitalismo de Estado como fase superior natural do capitalismo monopolista" (PACHUKANIS [1931] 2020, p.84). Para Pachukanis, esta tese, sem levar em conta quaisquer contradições internas, favoreceria a crença do compartilhamento de princípios entre fascismo e bolchevismo, inclusive com elogios explícitos a alguns dos êxitos do fascismo na Revista *Revolução do Direito* (*Rievoliútsia prava*), em 1929. Nesse ponto, na descrição de Pachukanis, toma-se conhecimento de posições ambíguas também entre os direitistas alemães, na medida em que o fascismo entra em crise: "Entre os artigos publicados no jornal *Vorkämpfer*, há um que é interessante e se encontra a meio caminho entre Hitler e

¹⁵ "Devemos, conseqüentemente, rejeitar quaisquer tentativas de opor o fascismo enquanto um novo tipo de Estado burguês ao velho tipo de Estado democrático-burguês, pois todo o curso concreto da luta política nos últimos tempos mostra que a fronteira entre a democracia burguesa e o fascismo está se tornando cada vez menos perceptível" (PACHUKANIS, [1931] 2020, p. 68).

¹⁶ De Ferdinand Tönnies (Comunidade x Sociedade), Werner Sombart (defesa das formas do medievo em contraste com o capitalismo), Robert Michels (defesa do elitismo político) e Carl Schmitt (para o qual o Parlamento passou a funcionar como escritório para a comutação de decisões do aparelho estatal).

¹⁷ "na Rússia, a violência é cometida como um ato do Estado e tem uma forma legal, enquanto na Itália ela é empregada por uma organização irresponsável, que não pretende a legalidade de seus métodos. Os bolcheviques julgam seus inimigos respeitando a forma da lei. [...] Os fascistas não perdem tempo com tais formalidades. Se alguém trava uma luta contra o governo, então sua casa é destruída pelos fascistas com a anuência e cooperação ativa da polícia [...] O assassinato se tornou um método na Itália" (DELL, 1926, p. 519 apud PACHUKANIS, [1926] 2020, p.52).

o comunismo" (PACHUKANIS, 2020, p. 86)¹⁸. Eis que Pachukanis começa a tomar conhecimento dos Nacional-Bolcheviques, aos quais é frontalmente crítico, por considerá-los no interior da estratégia capitalista e "social-fascista"¹⁹ de "falsificação dos soviets", como expresso nas posições do governo da Baviera, declaradas por Ernst Niekisch²⁰, no 1º Congresso Alemão de Deputados Operários e Soldados, em 1918.

Nas últimas décadas do século XX, contudo, foram feitas tentativas para olhar para a "revolução conservadora" em seus aspectos culturais e filosóficos, sem direcionar acusações diretas, mesmo de cumplicidade indireta com o nazismo. Apesar de semelhanças, o nazismo de Hitler teria ocupado uma posição marginal entre os principais defensores da "revolução conservadora" (KLEMPERER, 1951), condenado como desvio do aristocratismo em direção à oclocracia²¹ e à uma "biocracia"²² (DUPEUX, 1994). No mesmo sentido, para a historiografia russa moderna (ALEKSEEVICH, 2020), a revolução conservadora seria um fenômeno da "modernidade alternativa". O principal ponto de contato se daria pelo discurso anti-Weimar e anti-Versalhes e não o racismo biológico ou o antissemitismo nazista.

Esse ponto de vista é defendido por alguns dos principais pesquisadores do tema, como Stefan Breuer (1993) e Armin Mohler (1950), para o qual "A 'revolução conservadora' não é de forma alguma uma ideologia congelada com contornos claramente delineados, mas uma 'área topográfica' difícil de registrar." (MOHLER apud ALEKSEEVICH, 2020, p. 02, *tradução nossa*). Breuer (1993), contudo, chega a uma conclusão crítica sobre as tentativas de atribuir sob o conceito de "revolução conservadora" a soma das várias tendências sociopolíticas e culturais na República de Weimar - dos Jovens Conservadores aos "revolucionários nacionais", em cujas fileiras incluía os "nacional-bolcheviques". Para Breuer, estas tendências seriam a manifestação de um "novo" nacionalismo, nascido de uma sociedade de massas e da crise de consciência burguesa, buscando destruir os estreitos interesses de classe do "velho" conservadorismo e seu desejo de retornar ao passado e manter as instituições tradicionais como a Igreja, a Monarquia e formas de trabalho e convivência rurais.

Mas, o "novo nacionalismo" proposto por Breuer não parece suficiente para abarcar todas as tendências desse "modernismo antimodernista" ou "modernismo

¹⁸ "Uma figura característica é o acadêmico Lenz: nacionalista que, contudo, em política externa orienta-se inteiramente pela União Soviética e, sem reservas, liga a libertação nacional da Alemanha à libertação social, com a revolução proletária, colocando-se abertamente contra as campanhas antissoviéticas, contra os nacionais-socialistas".

¹⁹ Social-democratas que ajudaram a sufocar o movimento Espartaquista de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, crítico da participação da Alemanha na 1ª Guerra e da ideia de ditadura do proletariado.

²⁰ Segundo Pachukanis, para Niekisch "era deixar para o conselho receber reclamações, cuidar da tranquilidade e da ordem (!) e, até certo ponto (!), o controle. Em resumo, a tarefa dos soviets seria conter os trabalhadores e os soldados revolucionários e "aceitar reclamações", mas o poder real deveria estar e nas mãos de um governo "investido da confiança de todo o país".

²¹ O termo *oclocracia* se refere ao governo pelo *okhlos* (multidão, massa, gentinha, plebe) e remonta à discussão sobre formas desviadas ou decadentes de regimes políticos na Antiguidade, feita inicialmente pelo historiador e geógrafo grego Políbio (203 a.c. - 120 a.c.). Cf. DERMIDJIAN; GONZALES, 2000.

²² Regimes baseados em critérios hierárquicos biológicos raciais.

reacionário" (MERLIO, 2003). O "conservadorismo revolucionário" continua sendo a expressão que delimita esse conjunto de tendências cuja marca é, justamente, a junção de termos (aparentemente) opostos: uma revolução para a restauração de "valores essenciais da nação", sem o simples retorno à formas passadas, como os velhos conservadores e reacionários, mas um processo de expansão e desenvolvimento; a aceitação da modernidade técnica (tecnologia e planejamento estatal), mas a negação da modernidade cultural dos valores do Iluminismo e da Revolução Francesa, como o individualismo e o humanismo universalista e igualitário; confiança em uma elite cultural e política selecionada por suas qualidades e não pelo povo, ao mesmo tempo em que incentiva a mobilização constante das massas populares na vida coletiva; movimentos que se pretendem "nem de esquerda, nem de direita", que visam "ganhar a revolução" dos "progressismos", seja na forma do liberalismo ou do socialismo marxista (considerados "inimigos-irmãos") e também contra a direita conservadora pessimista; otimistas em sua capacidade de moldar o futuro, consideram-se portadores do "espírito do povo e da nação" e da "força do destino", pois dominam a técnica na era das massas (organização, mobilização e propaganda) (DUPEUX, 1994; MERLIO, 2003).

Em suma, o "conservadorismo revolucionário" não é um partido político, mas uma nebulosa ideológica que começa a se organizar com força ao final de 1918 e começa a se enriquecer de novas tendências na medida em que o sistema político alemão fracassa em relação ao nacionalismo e ao "germanismo integral" (*völkisch*), liderado por uma "burguesia da cultura" ligada ao idealismo romântico e por jovens ex-combatentes (DUPEUX, 1994). No processo em que os jovens conservadores das primeiras associações tomam assento em posições mais relevantes, os ainda mais jovens se radicalizam, em movimentos "nacionalistas revolucionários" e, uma minoria, no "nacional-bolchevismo", em outras palavras, a recuperação das táticas e princípios leninistas-stalinistas em proveito do nacionalismo alemão (DUPEUX, 1994).

O Nacional-Bolchevismo: movimento político e ideologia

Na seção anterior percebe-se como o Nacional-bolchevismo é visto, por seus contemporâneos de direita e de esquerda: como uma posição ambígua, anômala, como "trotskistas do nacional-socialismo" ou "essa gente de esquerda da direita" (MERLIO, 2013). Expressão desta ambiguidade é o seu nascimento a partir de um "movimento antibolchevique":

Não se intitulavam comunistas, mas enxergavam no bolchevismo a onda do futuro. O Movimento Anti-Bolchevique, movimento de massa do norte da Alemanha, foi representante deste padrão ambíguo. Ele foi criado e liderado por Eduard Stadtler, um dos maiores publicistas nacionalistas após a 1ª Guerra que, enquanto lutava contra o Bolchevismo Russo, lutava por um 'Bolchevismo Alemão' ou 'Socialismo Alemão'. Essa proposta foi explorada de maneira ainda mais consequente, na forma de um explícito Nacional-Bolchevismo, por Karl Radek (KLEMPERER, 1951, p. 197, *tradução nossa*).

O Nacional-Bolchevismo começa a ganhar terreno fundamentando a percepção de que a Alemanha deveria se associar ao Oriente/Leste, diante da implementação prática do socialismo na Rússia e da emergência da guerra civil naquele país. Para Karl Radek,²³ esta proposta teria conexões com a longa história de tentativas de aproximação entre Alemanha e Rússia desde os tempos de Napoleão Bonaparte, interrompidas pelo contexto de conflitos que originou a 1ª Guerra Mundial (KLEMPERER, 1951). O raciocínio é correto, desde que se considere a diferença de sentido entre os acordos. A "Santa Aliança", entre Grã-Bretanha, Prússia, Áustria e Rússia em 1815, era orientada em um sentido pragmático e em nome da monarquia, do conservadorismo e contra os ideais da Revolução Francesa de 1789. Um século depois, as alianças tentadas a partir do Nacional-Bolchevismo foram marcadas por sentimento antiocidental e anticosmopolita, porém, inseridas em um projeto nacionalista e modernizador (mudança das relações de produção) a ser consolidado em nome do proletariado, com apelo anti-monarquista, inspirado em valores da luta política desde o jacobinismo francês e incorporando as lutas operárias do 1848 francês no seu referencial.

Os Nacionais-Bolchevistas tentaram conquistar hegemonia de maneira mais enfática por quatro vezes, em 1919, 1923, 1930 e 1933, com suas respectivas experiências e lideranças políticas (KLEMPERER, 1951; ASCHER & LEWY, 1956): o ano de 1919 é marcado pela visita de líderes do Partido Comunista de Hamburgo, que visitaram Karl Radek na prisão com o objetivo de convencê-lo a organizar ações contra o Tratado de Versalhes. Contudo, para Radek, o Nacional-Bolchevismo só poderia ser uma aposta viável em situação específica, no caso de um isolamento da União Soviética pelas potências capitalistas. Naquele momento, o nacionalismo seria um perigo para o Comunismo em si mesmo²⁴. Mas, no ano de 1923, a invasão da região do vale do Ruhr pelo exército francês ofereceu a oportunidade para Radek, no Encontro do Comitê Executivo do Comintern, pleitear o apoio do comunismo soviético ao esforço de guerra contra os franceses²⁵. A opção pelo "Socialismo em um só país" de Stalin alimentava a discussão sobre os paralelos com a tese de que "cada povo tenha seu próprio Socialismo" defendido pelos Nacionais-Bolcheviques. Até mesmo Ernst Jünger (1895-1998), popular intérprete nacionalista da experiência de guerra alemã, bem como integrantes das *Freikorps*²⁶, enxergariam a Rússia de Stálin com admiração.

A segunda iniciativa foi mais robusta, liderada por Ernst Niekisch (1889 - 1967), político social-democrata e ministro da "República Soviética da Baviera"

²³ Integrante alemão do Comintern, Radek estava no mesmo "trem selado" que transportou Lênin da Alemanha à Rússia em 1917; fez parte da comitiva de negociação do acordo de Brest-Litovsk, co-fundador da Liga Espartaquista em 1918 e preso político do governo alemão em 1920, mas trabalhando, desde a prisão, para favorecer as relações entre Alemanha e Rússia.

²⁴ Com a recusa de Radek, a iniciativa fracassou e os líderes da iniciativa foram expulsos do Partido, fundando posteriormente o Partido dos Trabalhadores Comunistas da Alemanha (KAPD).

²⁵ Na Alemanha, esta bandeira acabou reunindo tanto fascistas como comunistas, em manifestações unindo suásticas e a estrela soviética contra o "capitalismo judeu" e o "imperialismo francês". A proposta, entretanto, não convenceu de fato a uma adesão formal e organizada nem das lideranças nacionalistas nem das comunistas (KLEMPERER, 1951).

²⁶ Grupos paramilitares que surgiram em toda a Alemanha em 1918, logo após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial.

durante curta experiência em meados de 1919²⁷. Niekisch tornou-se, de fato, o defensor mais assumido e proeminente do Nacional-Bolchevismo. Um político *outsider* e extremista, mesmo como integrante do Partido Social-Democrata Alemão, foi um militante de um socialismo antiocidental. Após sua saída do Partido, fundou o *Movimento da Resistência Nacional-Bolchevique (Widerstandsbewegung)* que assumiu o slogan "Sparta-Postdam-Moscow" - como tradução do sentido geopolítico de unificação territorial da Alemanha até a Rússia, e em menção possível tanto à herança do spartaquismo como a ética de combate e disciplina - e cujo emblema consistia em uma águia prussiana com uma espada, um martelo e uma foice. Por ter sido opositor ao Nacional-Socialismo de Hitler, Niekisch acabou sendo preso pelo regime nazista²⁸.

Ernst Nieckish acompanhou de perto o comunismo soviético, ao mesmo tempo em que incorporou as ideias sobre a decadência do Ocidente via Oswald Spengler e do neonacionalismo militarista/prussiano de Ernst Jünger, para o qual a transformação da República da Baviera em República Soviética torna-se crucial. Somente depois desta experiência, a sua visão se tornará mais próxima dos "revolucionários conservadores" orientalistas/russófilos e partidária de uma nova "pan-religiosidade" não dogmática, um novo modo de vida integral, um novo "socialismo popular"²⁹. Niekisch dá corpo, então, à sua ideologia, tornando-se o "mais esquerdista" dos "conservadores revolucionários", ao mesmo tempo partilhando aspectos de direita e de esquerda. Expressão do seu posicionamento é o lema "Não somos comunistas, mas para salvar a nação somos até capazes de comunismo" (ALEKSEEVICH, 2020, p.15).

Niekisch elabora seu nacionalismo estatista utilizando do marxismo principalmente no sentido econômico (anticapitalismo) e para fins táticos³⁰, sempre atento às políticas traçadas na URSS³¹. Ao mesmo tempo, no contexto de oposição à

²⁷ Organização criada como "Estado Livre", que pretendia suplantar a República de Weimar. Sua curta existência (1918 - 1919) foi produto de conflitos internos, como demonstra a própria reticência de Nieckisch sobre a correlação de forças na República da Baviera, com grande nível e atrito entre os comunistas, social-democratas e anarquistas. A República foi derrotada pelas Freikorps (ALEKSEEVICH, 2020).

²⁸ Após este período, ele tornou-se membro do Socialist Unity Party (SED) e professor da Universidade Comunista de Berlim, na Alemanha Oriental.

²⁹ Ele defende seus pontos de vista na revista *Widerstand* (Resistência), fundada por ele em 1926, concentrada na resistência tanto ao Ocidente (República de Weimar-Tratado de Versalhes), como ao nazismo de Hitler e na construção de condições políticas para um imposto progressivo sobre a propriedade para financiar o esforço de guerra na região do vale do Ruhr.

³⁰ "É paradoxal, mas é verdade: o próprio Niekisch não era nem um pouco próximo do marxismo ortodoxo, embora tivesse um respeito incondicional pelas obras de Marx - e, ao mesmo tempo, vários "socialismos" dos quais seus compatriotas falavam - eram desagradáveis para ele precisamente por causa de sua extrema distância dos teóricos originais do socialismo e, como consequência, das práticas deste socialismo na União Soviética; A propósito, para Niekisch, Lênin não se torna mais importante do que Marx, embora, como já foi indicado acima, precisamente no quadro da interpretação "nacional-revolucionária" " (ALEKSEEVICH, 2020, p. 15, *tradução nossa*).

³¹ Entre 1926 e 1934, anos da fundação e do fechamento da revista Resistência sob os nazistas, ele viaja à URSS através da "Associação para o Estudo da Economia Planejada Russa", que incluía o filósofo Gyorgy Lukacs, o historiador Karl August Wittfogel e o escritor Ernst Jünger (ALEKSEEVICH, 2020).

Hitler, partilha de considerações de direita³², mas expressando um desacordo fundamental com o "Minha Luta" de Hitler, em que a potencial agressão contra a URSS, ou seja, contra o "Leste", já estava claramente indicada. Antes mesmo dos nazistas chegarem ao poder, em 1932, Nieckisch publicaria *Hitler - o destino maligno da Alemanha*, crítico ao contexto "ocidentalizante", "burguês", "românico" do hitlerismo. Em seu ponto de vista, o "Oriente" russo socialista era a antítese do Ocidente burguês capitalista ao qual Hitler era subserviente. Segundo ele, a política social de Hitler satisfaria, na melhor das hipóteses, o conceito da "Terceira Via" de Mussolini, e não as doutrinas socialistas, a exemplo das convicções de Hitler sobre certa liberdade ao empreendedorismo privado (KLEMPERER, 1951; ALEKSEEVICH, 2020).

A partir de 1930, no entanto, a relação entre os alemães de extrema direita e os nacionais-bolchevistas se modifica, com o fortalecimento do Nacional-Socialismo e sua proposta de combate à inflação, problema para o qual o anticapitalismo radical tornaria o Nacional-Bolchevique menos relevante para as classes médias prejudicadas. Assim, apesar de popular entre a juventude e do debate intelectual em torno do "Movimento de Resistência"³³, o Nacional-Bolchevismo, "Politicamente orientado para a direita e economicamente para a Esquerda", nunca foi de fato bem aceito. Naquele contexto, ademais, a recusa dos Nacional-Bolcheviques em se identificarem no mesmo campo que os nazistas, e terem seus intelectuais e lemas apropriados por eles, tornaram-nos inimigos internos do regime. O "semi-marxismo", o "anticapitalismo" e o "anti-imperialismo" defendido por eles tornaram-se irreconciliáveis com as propostas de Hitler³⁴.

Assim, contando com duas experiências políticas locais efêmeras, em Hamburgo e na Bavária, situado entre o germanismo cultural e racial apropriado pela "revolução conservadora" e pelos nazistas, à direita, e a proposta internacionalista e marxista do comunismo soviético, à esquerda, o Nacional-Bolchevismo teve cada vez menos margem de manobra. Politicamente ambíguo aos olhos dos seus potenciais aliados e oposição ao nazismo, o movimento nunca se fortaleceu o suficiente para disputar a política nacional e finalmente definiu com a perseguição do governo nazista³⁵.

³²Segundo Alekseevich (2020, pp. 13-14, *tradução nossa*): "a principal razão para considerar o elemento 'ultradireita' na ideologia de Nikish é destacar seu forte contexto 'anti-semita', e baseia-se principalmente em torno do livro 'A Terceira Figura Imperial' De acordo com seu conceito dado, o 'Trabalhador' deve se tornar uma nova terceira 'figura imperial', que irá anular o domínio do 'eterno romano' por meio da subjugação, e o domínio do 'eterno judeu' por meio do suborno; de fato, o 'judeu eterno' aqui tinha um subtexto mais 'poético', embora o ano de publicação - 1935, quando os nazistas já têm o poder real em suas mãos - seja alarmante".

³³Resistência ao Ocidente, ao Capitalismo e ao Nazismo.

³⁴A ascensão interna de Hitler no partido nazista, por sinal, foi favorecida de uma mudança de posicionamento de Goebbels contra a corrente interna que defendia temas mais próximos do nacional-bolchevismo. Essa mudança será vista como uma traição e está ligada à expulsão de Otto Strasser (1897-1974) do partido em 1930, quando funda o *Black Front*. Na sua curiosa definição, enquanto Hitler é Girondino, o *Black Front* é Jacobino. Ele e seu irmão, Gregor Strasser (1892 - 1934), foram líderes contrários à Adolf Hitler, e defendiam um anticapitalismo socialista e nacionalista (KLEMPERER, 1951).

³⁵ Uma série de lideranças intelectuais e políticas vinculadas ao Nacional-Bolchevismo, jornalistas, escritores e políticos comunistas e judeus, que fundaram organizações de resistência

Mas, antes da sua decadência final, um esforço político e de nitidez teórica merece ser ressaltado: a síntese histórica e conceitual do Manifesto Nacional-Comunista, escrito por Karl Otto Paetel em 1933, que corresponde a uma quarta e última tentativa de organização política do movimento.

O Manifesto do Nacional-Comunismo: nem marxismo, nem fascismo - um "socialismo nacionalista"

Karl Otto Paetel (1906-1975) é um representante típico da fração da juventude burguesa ilustrada que se radicaliza no contexto da Primeira Guerra e se vincula a movimentos nacionalistas críticos da República de Weimar que aderiram à teoria do economista Eugen Varga a respeito dos riscos de a Alemanha tornar-se uma "colônia industrial" do imperialismo britânico e francês; teoria que foi a base da mobilização para a resistência dos trabalhadores e da classe média alemã contra a exploração do Ocidente (ALEKSEEVICH, 2020). Estudante de filosofia e história na Universidade de Berlim, Paetel não conclui seus estudos: ele é preso em protestos de rua contra o Tratado Versalhes³⁶ e é expulso da Universidade. A partir de então ele se dedica ao jornalismo, publicando escritos políticos, e à organização de círculos de reflexão e ativismo. Influenciado por Ernst Jünger e Ernst Niekisch, ele funda atua com intenção de atrair e radicais de direita para fora do NSDAP e uni-los aos radicais de esquerda em busca de um "verdadeiro socialismo" junto ao "proletariado consciente". Posteriormente, Paetel e seus companheiros criam o *Grupo dos Nacionalistas Social-Revolucionários* (GSRN), que se definiu explicitamente como Nacional-Bolchevique: declaradamente revolucionário, o GSRN defendeu a derrubada do sistema democrático-capitalista, um novo governo baseado em conselhos, a socialização da indústria e da terra, uma aliança militar com a Rússia soviética e o armamento das massas em milícias populares.

Em 1930, um debate interno no GSRN sobre o apoio ao NSDAP ou ao KPD (Partido Comunista da Alemanha), foi resolvido com a adesão ao novo Programa do KPD, que adotou a linguagem e as exigências nacionalistas na tentativa de reconquistar eleitores perdidos para o NSDAP. O GSRN interpreta o programa como uma "virada" do KPD na direção do Nacional-Bolchevismo, motivação para o engajamento em artigos, propaganda e comícios comunistas durante as eleições de 1930 e, posteriormente, em ação conjunta com organizações como a Ação Antifascista. O trabalho conjunto, entretanto, durou pouco. Em 1932, suspeitando que a intenção do KPD era cooptar os quadros do GSRN e descaracterizar o Nacional-Bolchevismo, Paetel procura uma maior autonomia, ensaiando a criação de um Partido Nacional Comunista. Embora aliados, as divisões ideológicas entre os dois grupos se tornam mais explícitas: para Paetel e seus companheiros, o objetivo final de um estado alemão social-nacionalista soberano, aliado, mas independente de uma Rússia soviética soberana, era fundamentalmente diferente do objetivo final do

ao governo nazista, como Heinrich Laufenberg (1872 - 1932), Fritz Wolffheim (1888 -1942), Paul Frölich (1884 -1953) e Heinz Schulze-Boysen (1909 -1942), tiveram como destino a morte em campos de concentração.

³⁶ Em uma simbólica coincidência, Paetel é preso junto com um militante comunista e um estudante nacional-socialista (PAETEL, 1933)

KPD: um "mundo comunista sem fronteiras". Foi nesse sentido que Paetel lançou o seu Manifesto Nacional Comunista. Contudo, o contexto de colapso da República de Weimar se demonstrou bastante imprevisível e desfavorável: o Manifesto foi publicado e distribuído justamente no dia 30 de janeiro de 1933, dia em que Hitler tornou-se Chanceler. Muitas das cópias do Manifesto foram confiscadas e destruídas; as publicações de Paetel e de seu grupo foram fechadas e o GSRN foi banido, junto com outros grupos comunistas, após o incêndio do Reichstag, no mês seguinte. Em 1934, Paetel foi incluído na "lista negra" de traidores do regime nazista e, no ano seguinte, busca refúgio nos Estados Unidos, onde encontra espaço para continuar sua vida intelectual, publicando uma série de trabalhos sobre o Nacional-Bolchevismo³⁷ antes de falecer no ano de 1975, em Nova York.

O Manifesto teve como objetivo principal definir as bases teóricas e históricas do Nacional-Bolchevismo, diferenciá-lo de tendências políticas concorrentes, bem como traçar objetivos programáticos. Ele demonstra como a diferenciação entre Nacional-Socialismo, Nacional-Bolchevismo e Socialismo marxista se insere em um campo de disputas sobre os contornos e significados teóricos e práticos de um "Socialismo Alemão", cuja proposição remonta tanto ao pensamento "revolucionário conservador" como às lutas trabalhistas. Desde as disputas ligadas à industrialização e da unificação alemã através da Prússia, passando pelos traumas da Primeira Guerra, o Socialismo e o Nacionalismo tornaram-se divisas centrais para a reorganização da sociedade, mas convergiram para diferentes propostas políticas. Por esta razão, no Manifesto, Paetel usa a expressão *nationalistische Sozialismus* ou *Nationaler Sozialismus* ("Socialismo nacionalista") em vez de *Nationalsozialismus*, para deixar claro ao leitor que o socialismo nacionalista que ele defende não tem relação nem com o do partido de Hitler, nem como o socialismo marxista e internacionalista - portanto, "não germânico".

Em relação ao *Nationalsozialismus*, as críticas de Paetel se dirigem, inicialmente, à falta de compromisso de Hitler e do Partido Nazista alemão, o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NASDP), com as pautas socialistas, ao não iniciarem a reestruturação econômica necessária, e as nacionalistas, ao não agirem para o rompimento imediato do Tratado de Versalhes. No lugar de concentrar as forças no combate à dominação de Paris, Hitler preferiu olhar para Roma e se espelhar do Fascismo. Assim como na Itália, ao adotar uma política "Anti-Bolchevique" de "Ordem e Paz", o Nazismo tornou-se útil ao cálculo do capital financeiro, dos grandes latifundiários e dos oficiais militares obcecados por uma restauração feudal frente a ameaça de uma revolta dos trabalhadores contra o *status quo*. A palavra de ordem tomou a forma do slogan "Contra o Marxismo" como meio de eliminar as divisões de classe em nome da união do Povo, virando de cabeça para baixo a vontade de, "em nome do Partido, tomar o lado dos indigentes ou sem-teto, dos sem-pátria, a fim de criar para uma pátria por meio de uma mudança radical na vida social e econômica" (PAETEL, 1933, p.22). A inspiração no fascismo foi um erro histórico do NASDP, que o dirigiu, em definitivo, para um falso socialismo, razão pela qual não é suficiente reformar o Nacional-Socialismo, mas combatê-lo e superá-lo:

³⁷ Cf. PAETEL, 1967; 1999.

O nacionalismo revolucionário é antifascista porque o fascismo [...] não entende como incorporar a liderança do proletariado; a sua ordem econômica é apenas uma reforma do capitalismo; e sua forma de estado corporativista é uma ditadura camuflada sobre o Povo trabalhador que assim perpetua a divisão da nação entre governantes e governados [...] O nacionalismo revolucionário resiste ao uso da questão racial [Rassenfrage] para o estabelecimento de uma raça dominante nascida-para-governar; rejeita o dogmatismo racial como critério para a política externa (PAETEL, 1933, p. 33-34, tradução nossa).

Ao mesmo tempo, para o militante do Nacional Comunismo seria fundamental "tomar consciência de si mesmo como não-marxista" (PAETEL, 1933, p.28). Embora ambos coincidam no apoio à revolução, na planificação socialista, nos conselhos de trabalhadores, no antifascismo, na luta de classes e no anticolonialismo, o Manifesto reservou dois capítulos para diferenciar, ponto a ponto, as diferenças com o marxismo revolucionário, como bem exemplifica o trecho abaixo:

O nacionalismo revolucionário alemão busca, como seu objetivo político final, a nação alemã soberana, existente em uma comunidade de estados livres de povos [Völker] independentes uns dos outros. O marxismo revolucionário - o KPD - luta por, como seu objetivo final, a sociedade sem classes, que (através da morte lenta do Estado e da fusão das nações) une o povo em uma unidade superior. [...] Ele concebe a dominação de classes como realidade primária, mais importante que o a unidade cultural do Povo (folkdom)[...]

O nacionalismo revolucionário luta pela implementação de uma economia socialista planificada com base na autarquia (como transição para uma autarquia germano-russa!), pela eliminação da propriedade privada dos meios de produção e pela nacionalização da terra e do solo, tudo como pré-condição para a soberania da nação ser criada pela revolução. O marxismo revolucionário luta pela organização econômica planejada do mundo, negando áreas econômicas autárquicas, eliminando a propriedade privada dos meios de produção e socialização da terra e do solo.

O nacionalismo revolucionário não acredita na possibilidade de paz eterna, em uma humanidade capaz de anular os antagonismos entre os diferentes povos [...] O marxismo revolucionário luta por um mundo pacificado, garantido após a abolição da antagonismos econômicos.

O nacionalismo revolucionário luta por uma solução alemã apropriada para a questão camponesa [...]. É da convicção de que uma integração da pequenos camponeses na economia planificada [...] deve preservar a "categoria eterna do camponês", que deve ser utilizável pelo Estado como reserva de poder. O marxismo revolucionário se esforça para liquidar a "classe regressiva" através da coletivização e racionalização das operações agropecuárias [...]

O nacionalismo revolucionário compreende a potência da Ideia, a necessidade de renovação religiosa e a existência de forças irracionais; vê na ideia da nação seu objetivo final e no *folkdom* um poder fatalmente iminente. Todos os políticos e os imperativos econômicos

são os meios de dar forma e realidade a essa ideia. O marxismo revolucionário, com base no materialismo histórico, interpreta os processos da história humana a partir de suas condições econômicas e atribui a "superestrutura" para o papel secundário (PAETEL, 1933, p. 33-34, tradução nossa).

Os pressupostos do Nacional Comunismo, nesse sentido, divergem principalmente na valorização da nação e das formas políticas e culturais tradicionais dos povos locais, buscando um diálogo com as particularidades étnico-culturais próprias do germanismo "revolucionário conservador", que se expressa principalmente em três dimensões: 1) o nacionalismo germânico em bases religiosas, um neopaganismo, "uma nova religiosidade cósmica centrada no sangue, no solo e na raça, enraizada no divino sobre da vida mundana [...]" (PAETEL 1933, p. 74, tradução nossa); 2) na recuperação das tradições germânicas de decisão para erigir uma forma de democracia baseada em conselhos locais, em oposição à ideia de Estado Corporativista presente no Fascismo que significaria "apenas a perpetuação da 'grupos de interesse' na transformação da forma externa do Estado, uma nova oportunidade de fazer da "economia" o destino da vida do povo" (PAETEL, 1933, p.58-59, tradução nossa); e 3) na valorização das tradições prussianas de disciplina e submissão do indivíduo ao coletivo: "O socialismo transformará os "cidadãos" alemães em apêndices do Estado alemão; as contradições entre Nação, *Volk* e Estado serão abolidas por ele e remodelados em uma nova síntese" (PAETEL, 1933, p.64, tradução nossa).

O Nacional Comunismo converge também para um cenário futuro diferente, onde as questões nacionais estarão mais presentes, no lugar de um internacionalismo proletário dirigido por uma única potência (URSS). A aliança entre Nacionais Comunismos deveria preservar as autonomias políticas, diferenças culturais e ritmos próprios de cada realidade, afastando-se da homogeneização e do individualismo do Ocidente, consolidando uma *MittelEuropa* - a soberania das terras germânicas - e aproximando-se das tradições Orientais em uma aliança Alemanha-URSS.

O Manifesto escrito por Paetel dá forma mais consistente ao Nacional Comunismo, mas que não teve condições de realização concreta à sua época. Alguns regimes podem ser vistos como semelhantes - como o regime de Josip Broz Tito na Iugoslávia, que desde 1945 rompeu com a orientação da URSS -, mas como movimento orientado explicitamente, o Nacional-Bolchevismo teve fim na Alemanha em 1933 e somente foi resgatado no final do século XX, na Rússia, em outro contexto histórico.

O Nacional-Bolchevismo ressurgiu na Rússia: Eurasianismo e *Ideokratiia*

Na introdução deste ensaio, observamos que Klemperer (1951) enxergou no Nacional-Bolchevismo um fenômeno que poderia se tornar uma tendência daquele momento em diante. Mas, frente ao contexto da segunda metade do século XX, certamente o seu prognóstico se mostra equivocado, mesmo considerando sua visão do stalinismo como experimento similar: o Nacional-Bolchevismo não se expandiu no Ocidente. Por outro lado, a sua ressurgência a partir da Rússia no final do século XX

demonstraria que a viagem dessa ideologia à procura de uma forma política ainda não terminou: o Nacional-Bolchevismo na Rússia ressurgiu a partir de um longo percurso, do início do século XX ao início do século XXI.

Na União Soviética, o Nacional-Bolchevismo nunca foi uma política oficial do Comintern (ALEKSEEVICH, 2020). Lênin ([1920] 1989) o considerava uma proposta absurda e via no rompimento com o Tratado de Versalhes³⁸ um perigo para a Revolução de Outubro³⁹. Nesse sentido, ele é uma divergência da ortodoxia marxista-leninista, entre outras razões pragmáticas e ideológicas, por seu nacionalismo e por seu militarismo, oposta ao internacionalismo comunista e às opções leninistas por cessar o esforço de guerra entre nações.

Fora do "oficialato" comunista, a situação também não era mais favorável. O perfil dos apoiadores era bastante atípico, como é o caso de Nikolay Vasilyevich Ustryalov (1890 - 1937), professor de Direito da Universidade de Moscou, cuja atividade política se iniciou em apoio à unidade dos povos eslavos contra o czar e aos "brancos" contra os "vermelhos" na Guerra Civil russa⁴⁰. No entanto, com a Nova Política Econômica de Lênin, Ustryalov enxergou no novo regime uma esperança para o restabelecimento da Rússia como uma potência internacional. Contudo, ele nunca se declarou comunista, mas Nacional-Bolchevique, após ter contato com os escritos de Niekisch. Sinal de sua posição minoritária, foram a declaração de seu exílio, por Lênin e, posteriormente, sua condenação à pena de morte em 1931, ao ser acusado de espionagem e "agitação antissoviética" (VRONSKAYA; CHUGUEV, 1992).

Mas, será na mesma Rússia que, décadas depois, o Nacional-Bolchevismo reemergirá. A posição de Ustryalov, mais uma vez, auxilia no entendimento de como essa tendência encontrou uma base ou aliança: o apoio à unidade dos povos eslavos da Eurásia - região geográfica e cultural abrangendo Rússia, Europa Oriental e diversos povos da Ásia Central - com base na influência da Igreja Ortodoxa e em formas comunitárias tradicionais de vida. Essa tendência de pensamento, chamada de Eurasianismo, foi um movimento político que teve suas origens na comunidade de imigrantes russos na década de 1920 e que defendeu o não pertencimento da "civilização pan-eslava"⁴¹ à categoria "europeia". Para eles, a Revolução de Outubro dos bolcheviques foi uma reação necessária à rápida modernização da sociedade russa, mas deveria, através do abandono do internacionalismo proletário, do ateísmo militante e da luta de classes, evoluir para um novo governo cristão ortodoxo nacional, não europeu (WIEDERKEHR, 2017).

³⁸ Nome dado ao tratado de paz firmado entre os países europeus e que simbolizava o fim da 1ª Guerra Mundial (1914 e 1918). Nos termos do acordo, a Alemanha tornou-se a principal responsável pelo conflito, a ela cabendo reparar os prejuízos da guerra. O Tratado é considerado uma das principais causas das insatisfações sociais com a situação econômica alemã que conduziram à 2ª Guerra (1939-1945).

³⁹ De modo geral, Lênin não compartilhava das tendências orientalistas e anti-modernas presentes no nacional-bolchevismo e no pensamento "revolucionário conservador" da época (KRAUSZ, 2017)

⁴⁰ Os "vermelhos" representam o exército formado pelos bolcheviques; os "brancos", os monarquistas que desejavam restaurar a monarquia czarista existente na Rússia antes de 1917.

⁴¹ Povos russos, mongólicos, turcos, entre outros.

A emigração russa para países da Europa durante a queda do czarismo e a Revolução Soviética (1905-1917) criou um conjunto de jornais e associações voltados a uma "utopia conservadora": uma geração de "eslavófilos da era do futurismo", interessados não em um simples retorno ao passado, mas nas condições, mesmo por via revolucionária, de criação de uma nova forma política para uma antiga civilização (WIEDERKEHR, 2017). A Eurásia seria uma civilização com contornos próprios - históricos, econômicos, culturais, linguísticos, étnicos e geográficos - diferente tanto da Europa quanto da Ásia, cuja unidade política corresponderia a uma forma política não democrática e não capitalista. Para eles, a ciência histórica garantiria os instrumentos de predição desta unidade política futura "inevitável".

O Eurasianismo mantém, nesse sentido, uma relação com o contexto cultural da "Revolução Conservadora" descrito para a situação alemã, mas cuja abrangência acabou se estendendo ou encontrando pontos de coincidência com a intelectualidade de outros povos à época, especialmente o russo (LUKS, 1986). Um tema comum era o combate à influência do Ocidente (livre mercado, individualismo e imperialismo britânico e francês) e o fortalecimento da identidade dos povos Orientais, considerados não-europeus. Outros pontos de aproximação são: a rejeição do pluralismo político e da democracia parlamentar; a negação do capitalismo de livre mercado em favor de uma economia planejada; o apoio a uma forma política autárquica (WIEDERKEHR, 2017). Luks (1986) aponta ainda outros paralelos entre as duas propostas: característica elitista e a crença errônea que poderiam instrumentalizar o partido nazista ou o bolchevique para seus objetivos antiliberais; e visão organicista da sociedade, aderência a ideias da geopolítica e rejeição da modernidade

Apesar dos pontos em comum e dos contatos estabelecidos com os editores alemães da *Vorkämpfer* e *Widerstandt* ligados aos "conservadores revolucionários" e Nacional-Bolcheviques, os dois projetos não conseguiram uma cooperação prática (WIEDERKEHR, 2017) em grande parte devido à potencial rivalidade entre os projetos nacionais expansionistas, o do "Império do Meio" alemão (*MittelEuropa*) e o da civilização russa-eslava. Já em relação ao bolchevismo, como citado anteriormente, a adesão dos eslavistas foi programática: trata-se de conduzir a revolução, no longo prazo, a um caminho conservador. Em certo sentido, o movimento Eurasianista se assemelha à uma tendência à direita que teve como principal equivalente, à esquerda, o movimento *narodnik*, conhecido como "populismo russo" e que advogava, desde o século XIX, através de táticas radicais, a revitalização de antigas formas comunitárias rurais no sentido de uma transição para o comunismo por uma via particular, sem necessidade de modernização industrial-burguesa⁴².

O regime soviético, assim, estava a meio termo entre os *narodniks* e os Eurasianistas, mas, enquanto para os primeiros ele representou o próprio fim como movimento político, para os últimos representava ainda uma esperança. Os Eurasianistas apoiavam a ideia de suceder a ditadura bolchevique de partido único

⁴² No marxismo, as correspondências entre Marx e os *narodniks* foram vistos como sinal de um amadurecimento de Marx sobre as vias possíveis de transição ao comunismo fora do foco dos países centrais do capitalismo na Europa (MARX; ENGELS, 2013)

por uma ideocracia (*ideokratiia*), tipo de governo comandado por uma minoria não-eleita que governa em nome e no interesse do povo, através de um domínio absoluto da ideologia em cada aspecto da vida social. O fascismo e a URSS seriam, nesse sentido, ideocracias imperfeitas, conservando o ideal de mobilização política e a economia planificada, mas transformados, acentuando seus aspectos centralizadores e o antimodernismo cultural de caráter religioso (WIEDERKEHR, 2017).

A recuperação da perspectiva de pensamento eurásiana começa a ser feita nas décadas mais próximas ao colapso da União Soviética. O que caracteriza o Neo- Eurasianismo são as conclusões a partir da aplicação de sua teoria da etnogênese: a ocupação mongol (1240-1480 d.C) teria protegido as etnias russas emergentes do Ocidente, permitindo-lhe ganhar tempo para atingir a maturidade (LARUELLE, 2001)⁴³.

Atualmente, o nacionalista russo e cristão ortodoxo, Aleksandr Dugin⁴⁴ tem sido o principal defensor do "Neo-Eurasianismo", em prol da reunificação da Rússia aos antigos territórios soviéticos e ao Irã, contra o Ocidente e a liderança dos Estados Unidos⁴⁵ e em favor da construção de um mundo multipolar, não mais atado às tradições ocidentais. Dugin propõe a união entre as civilizações orientais “contra o Demiurgo mau, criador de um mundo condenado”, ou seja, o Ocidente e o mundo unipolar liderado pelo "Império dos Estados Unidos":

Ideologicamente a unipolaridade é baseada em valores do Modernismo e do Pós-Modernismo, valores esses que são anti-tradicionais. Compartilho da visão de René Guénon e Julius Evola, que consideravam a Modernidade e sua base ideológica (o individualismo, a democracia liberal, o capitalismo, o “confortismo” e assim por diante) como sendo a causa da futura catástrofe da humanidade, e o domínio das atitudes ocidentais como a razão da degradação final do planeta. O Ocidente está se aproximando de seu fim e não deveríamos permitir que ele levasse consigo ao abismo todo o resto. Espiritualmente, a globalização é a criação da Grande Paródia, o reino do Anticristo. E os Estados Unidos são o centro de sua expansão. Os valores americanos pretendem ser universais. Essa é a nova forma de agressão ideológica contra a multiplicidade de culturas e de tradições ainda existentes em outras partes do mundo. Eu sou resolutamente contra os valores ocidentais

⁴³ O Neo-Eurasianismo convive ainda com uma tendência "bizantinismo", semelhante em sua rejeição ao Ocidente, mas que identifica a Rússia com o Império Bizantino, e não com a cultura tribal da Ásia Central (LARUELLE, 2001). Sobre o Neo-eurasianismo, Cf. MATOS, 2016; SOUZA, 2016.

⁴⁴ "Alexandre Dugin nasceu em 7 de janeiro de 1962 em Moscou dentro de uma família de militares. No começo dos anos 80, sendo um dissidente do regime comunista [...], entrou em contato com pequenos grupos tradicionalistas e com círculos político-literários de Moscou [...] Suas ideias foram influenciadas, a partir dos anos 80, pela “Nova Direita” européia e principalmente por Alain Benoist [...] Dugin [...] é líder do Movimento Eurásiano Internacional e diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou" (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 08).

⁴⁵ Tal estratégia possibilitaria a unificação das "civilizações telúricas", baseadas na terra, contra as "civilizações atlânticas". Para Dugin, esta oposição seria mais completa que a polaridade "trabalho x capital" (DUGIN; CARVALHO, 2012).

[...] que são promulgados pelos Estados Unidos à força ou por invasão. (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 116).

Dugin busca, assim, afirmar "comunidades orgânicas e civilizações", no lugar de "Estados-Nações burgueses", como sujeitos históricos de um "mundo multipolar". Por outro lado, ele substitui o conflito entre capital e trabalho em que os sujeitos históricos são as diferentes classes sociais pelo conflito entre civilizações (embora se torne difícil entender como civilizações possam ser sujeitos históricos sem uma visão hipostasiada das sociedades ou do Estado como seres com vida própria)⁴⁶.

Como pressuposto ideológico, Dugin se refere à "Quarta Teoria Política" como solução para a atualidade a partir da seleção de características específicas de modelos políticos do passado:

Se livrarmos o socialismo de suas características materialistas, atéias e modernistas, e se rejeitarmos o racismo e os estreitos aspectos do nacionalismo presentes nas doutrinas da Terceira Via⁴⁷, chegaremos a uma ideologia política completamente nova. Chamamo-la "Quarta Teoria Política", uma vez que a primeira foi o liberalismo, que confrontamos essencialmente; a segunda, a forma clássica de comunismo; e a terceira, o nacional-socialismo ou fascismo. A elaboração dessa teoria começa no ponto de intersecção entre as diferentes teorias políticas anti-liberais do passado (o comunismo e as teorias da Terceira Via). E assim desembocamos no Nacional-Bolchevismo, que representa o socialismo sem materialismo, ateísmo, progressismo e Modernismo, assim como uma Terceira Via sem racismo ou nacionalismo. (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 117).

A "Quarta Teoria Política" seria, supostamente, a sucessão e superação política e ideológica de três sistemas de pensamento e de hegemonia política anteriores: o liberalismo, o comunismo e o fascismo. Para Dugin, seria necessário construir uma alternativa ao liberalismo e à ideologia do progresso, retirando do comunismo e do fascismo "o que é preciso rejeitar" e "mantendo o que é valioso" (DUGIN, 2012). Há, nesse sentido, uma recusa em se identificar com o fascismo. Como suposta evidência desta não identificação, no livro *A Quarta Teoria Política* (2012), Dugin afirma:

Foi sobretudo o racismo e não alguns outros aspectos do nacional-socialismo que gerou as consequências, que levaram a sofrimento imensurável, bem como ao colapso da Alemanha e das Potências do Eixo e à destruição de toda a construção ideológica da "terceira via". A prática criminosa de varrer grupos étnicos inteiros (judeus, ciganos e eslavos) com base na raça estava precisamente enraizada na teoria

⁴⁶ Sobre as relações entre o pensamento de Dugin e o de Samuel Huntington sobre o "choque de civilizações", cf. VASCONCELOS; MARIZ, 2021.

⁴⁷ O fascismo e o nazismo na perspectiva de Julius Evola (2020).

racial - é isso que nos enfurece e choca em relação ao nazismo até hoje. Ademais, o antissemitismo de Hitler e a doutrina de que os eslavos são “sub-humanos” e devem ser colonizados, é o que levou a Alemanha a entrar em guerra contra a URSS (pelo que nós pagamos com milhões de vidas) [...] Foi o racismo - na teoria e na prática - que criminalizou todos os outros aspectos do nacional-socialismo e do fascismo, fazendo dessas visões de mundo políticas o objeto de insultos e vilificação” [...] Como uma de suas características essenciais, a “Quarta Teoria Política” rejeita todas as formas e variedades de racismo e todas as formas de hierarquização normativa de sociedades com base em fundamentos étnicos, religiosos, sociais, tecnológicos, econômicos ou culturais. (DUGIN, 2012, p. 70-75).

Assim, em prol da consolidação da “Quarta Teoria Política” se dá a sua defesa por uma “revolução conservadora”, remontando à discussão sobre o contexto alemão do entreguerras, por um ideal hoje chamado de *Tradicionalista*⁴⁸ (TEITELBAUM, 2020a).

O projeto defendido por Dugin se inspira também no contexto nacionalista russo durante a extinção da URSS, a partir dos críticos à liberalização e ocidentalização do novo regime (NIKOLSKI, 2012). É nesse momento que o Nacional-Bolchevismo retorna à cena, com a criação do Partido Nacional-Bolchevique (PNB) na Rússia, em 1993. Também conhecido como *Nazbol*, o partido foi fundado por Dugin e Eduard Limonov, escritor polêmico e exilado político da Rússia de 1974 a 1991⁴⁹. Em razão de posições extremistas, como a defesa de ações terroristas através do seu principal veículo, *Limonka*, o “Partido antissistema” teve sempre dificuldades em se oficializar, sendo declarado ilegal pelo judiciário russo em 2000 e em uma segunda decisão em 2007, que cassou seu registro. Entre as bandeiras de luta que conduziram a essa decisão estavam a organização de manifestações exigindo a saída do presidente Vladimir Putin e a defesa de um tipo de regime inspirado no fascismo e no stalinismo. A oposição ao presidente Putin, entretanto, não é unívoca, tendo em conta como Aleksandr Dugin é apontado como conselheiro informal do governo russo em estratégias geopolíticas⁵⁰, e é hoje, o intelectual mais conhecido do movimento. O apoio de Dugin à Putin expressava justamente em seu rompimento com Limonov e com o *Nazbol*, favorecendo a radicalização do partido à esquerda e sua posterior condenação à extinção (NIKOLSKI, 2012):

⁴⁸ O *Tradicionalismo* insere-se no longo desenvolvimento do pensamento reacionário e irracionalista sobre a modernidade (TEITELBAUM, 2020a), como resposta à Revolução Francesa (AUGUSTO, 2017) ou como gnosticismo milenar, conflitante com o desenvolvimento do cristianismo na história europeia (VAZ, 2018). Não se trata de uma ideologia apenas conservadora e/ou reacionária, pois a busca pela mudança não é entendida como restauração do passado tal como existiu, mas através da afirmação de um passado mítico, a ser instaurado no futuro como solução aos conflitos do presente pela via da mudança radical e revolucionária (LUCKÁCS, 2009). Dois intelectuais são as referências principais do *Tradicionalismo*: René Guénon e Julius Evola (TEITELBAUM, 2020a), que influenciaram as experiências do fascismo e do nazismo.

⁴⁹ Ambos são personagens controversos dentro e fora da Rússia, por suas posições estéticas e políticas. Limonov, por exemplo, esteve presente em Sarajevo (Bósnia), apoiando as iniciativas bélicas do presidente Radovan Karadzic, condenado posteriormente como criminoso de guerra. Dugin, por sua vez, esteve diretamente nas lutas envolvendo a Criméia.

⁵⁰ Cf. BENDLE, 2014.

O projeto do Partido Nacional-Bolchevique, que eu, na minha época, preparava para transformar em um nacional-esquerdismo autêntico, russo e consciente fundamentado nas teorias de Ustrialov, Niekisch e dos eurasianistas de esquerda, se degenerou no final dos anos 90 em hooliganismo e ausência de organização, e mais tarde passou a servir a forças ultraliberais [...] alimentadas pelo Ocidente (que contradiz completamente as premissas fundamentais do nacional-bolchevismo [...] um projeto [...] estritamente antiliberal, patriótico russo e, conseqüentemente, antiocidental) (DUGIN, 2021, p.262).

Espalhando-se mundo afora, o pensamento de Dugin tem se enraizado em diferentes contextos e por meios diversos. No caso específico do Brasil, ele influencia o Nova Resistência (inspirado no Resistência - *Widerstandt* - de Niekisch), criado em 1995, no Rio de Janeiro, com "células" espalhadas em outras cidades do país. Os seus integrantes se definem como uma "rede autônoma" de dissidentes brasileiros, composta por Nacional-Revolucionários, Eurasianistas, Nacional-Bolcheviques, nacionalistas de esquerda, anticapitalistas de direita e adeptos da Quarta Teoria Política", contrários a "políticas econômicas neoliberais, ao imperialismo atlantista, à agenda globalista e ao *lobby* sionista nas mídias e no governo", com o objetivo declarado de "recrutar e treinar uma nova classe de soldados políticos capazes de ocupar espaços nas universidades, nos sindicatos, nas forças armadas, em centros culturais e todo o resto, de modo a aglutinar a maior base popular possível". A intenção, portanto, é de formar a base para um projeto político de transformação da sociedade, em um "caminho" patriótico, conservador, trabalhista e cristão, um "quarto caminho (para) além do liberalismo, do comunismo e do fascismo" (CARNEIRO & SAUDA, 2020).

No Brasil, o movimento não possui, pelo menos até o momento, influência político-partidária expressiva⁵¹; mas, na esfera da "metapolítica"⁵², ou seja, da "guerra cultural"⁵³, a sua atuação é bastante produtiva, com destaque para o caráter abertamente crítico ao atual presidente Jair Bolsonaro; ao recém falecido escritor Olavo de Carvalho e suas teses, entre elas a do "marxismo cultural" (MACHADO,

⁵¹ Apenas na última década é que o Nova Resistência passou a ser percebido de fato, em artigos de *sites*, nas redes sociais e na imprensa (BERNARDO, 2012; NOVA RESISTÊNCIA, 2015), contando, inclusive, com proposta de criação não oficial de um "Partido Nacional-Bolchevique Brasileiro - PNBB" (2019). No dia 27 de setembro de 2020, o *site* Contrapoder elaborou uma matéria cujo título intrigante informava: "Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil" (CARNEIRO & SAUDA, 2020).

⁵² "Metapolítica, de modo geral, é o ativismo político conduzido por meios pouco ortodoxos. É a crença de que para formar valores políticos em uma sociedade, você não deve tornar-se um político, mas, em vez disso, um poeta, um ator, um músico, um educador ou um jornalista, pois são eles que criam a nossa visão de mundo. Os políticos simplesmente reagem a isso. A metapolítica tem pouca conexão formal com o Tradicionalismo, mas ambos são populares em alguns círculos intelectuais de extrema-direita" (TEITELBAUM, 2020b)

⁵³ A expressão "guerra cultural" é utilizada neste artigo como um "conceito nativo" que expressa o sentido

de uma tática *sui generis* de disputa por hegemonia na sociedade civil, desenvolvida por uma apropriação do legado de Antonio Gramsci a partir da extrema direita ou direita iliberal francesa, deitando raízes especialmente na produção de Alain de Benoist e seu "gramscismo de direita" (BENOIST, 1979; cf. também <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>).

2021); e, às narrativas da empresa audiovisual "Brasil Paralelo" (NOVA RESISTÊNCIA, 2017). Através das críticas, o Nova Resistência busca fundamentar a análise do neoliberalismo e do globalismo estadunidense, dos quais o "olavo-bolsonarismo" seria um dos principais representantes no Brasil.

Como em um espelho invertido, se o "olavo-bolsonarismo" denuncia o Foro de São Paulo e a dominação comunista mundial, o Nova Resistência apresenta a conspiração do "Grande Reset" da elite global liberal planejado pelo Fórum Econômico Mundial (DUGIN, 2021; SALVI, 2021)⁵⁴. Curiosamente, no próprio antagonismo, um movimento pode servir para comprovar a tese do oponente. Afinal, o que seria a "Quarta Teoria Política", inspirada no Nacional-Bolchevismo e na estratégia Neo-Eurasiana, se não a comprovação, para os partidários de Olavo de Carvalho, das supostas afinidades entre o nazismo e a esquerda e os planos de dominação mundial de um comunismo reinventado?

A questão da natureza destes movimentos exige, portanto, uma retomada reflexiva complexa sobre as reexistências do fascismo na contemporaneidade como fenômeno político não superado. Na próxima seção, indicam-se possibilidades interpretativas para além das classificações convencionais que defendem fronteiras inexpugnáveis entre o pensamento canônico de intelectuais comunistas e fascistas, sem recair, entretanto, em simplismos conceituais sobre o totalitarismo; nem em distorções, como o "nazismo de esquerda", ambos legitimadores de uma ideia mistificadora de capitalismo libertário.

Considerações Finais: uma ideologia à procura de uma forma política

O "Bolchevismo Nacional", o "Nacionalismo Revolucionário" ou "Bolchevismo Prussiano" é, portanto, uma ideologia desenvolvida como projeto de um "comunismo nacionalista" influenciado por um marxismo heterodoxo em que, por um lado, a nação é o fator de agregação acima da luta de classes e, por outro, é afeito ao extremismo tático, orientado para a integração cultural, política e econômica da Alemanha com a União Soviética. Essa ideologia somente pode ser compreendida considerando suas relações com o contexto de relações culturais e políticas entre Alemanha e Rússia, e, especificamente, no contexto alemão da "revolução conservadora", reação à República de Weimar e ao Tratado de Versalhes nos anos 1920 e 30, que originou o Nacional-Bolchevismo em concorrência com o Nacional-Socialismo (KLEMPERER, 1951; ALEKSEEVICH, 2020).

Nos anos seguintes, em razão do desfecho da 2ª Guerra, o Nacional-Bolchevismo perde terreno, apesar da expectativa de sua ressurgência na Alemanha Oriental (KLEMPERER, 1951). A sua renovação somente será realizada acompanhando a trajetória das tendências eurásianas e neo-eurásianas, especialmente após o fim da URSS e, recentemente, com a re-legitimação da memória de Stálin pelo governo russo. Nesse contexto, a proposta de "Quarta Teoria Política" de Aleksandr Dugin (2012) é mais coerente como sistema, incorporando o

⁵⁴ Instauração de um sistema de vigilância através de medidas como controle sanitário e pontuações de crédito social em redes sociais a partir da pandemia de Covid-19 (DUGIN, 2021, s/p.)

legado dos "conservadores revolucionários" dos anos 1930, em diálogo com o Tradicionalismo (TEITELBAUM, 2020a); do Eurasianismo na geopolítica; do pensamento da direita nacionalista e conservadora francês e seu "gramscismo de direita" (BENOIST, 1979); e a re-legitimação do stalinismo. A partir desta síntese heterodoxa, o seu movimento busca se expandir através da formação de grupos anti-ocidente e anti-neoliberais, gerando uma colagem de pautas vistas como de direita e de esquerda, como é o caso do Nova Resistência.

Mas, afinal, é possível definir a proposta da "Quarta Teoria Política" também como um neofascismo? Para melhor compreensão, será preciso, primeiro, retomar a ideia do fascismo como fenômeno múltiplo que não significa a reprodução fiel do mesmo ideário. Nesse sentido, a recusa de Dugin (2012) a apenas uma das características do nazismo, a ideologia racista, não é suficiente para descaracterizá-lo como fascista, tendo em vista que outras dimensões de sua definição ainda restam de pé: o conspiracionismo; o nacionalismo; a política de massas baseada nos sentimentos; a supremacia do coletivo e do Estado sobre o indivíduo e o mercado; e, por fim, o ímpeto revolucionário baseado em ideário reacionário, iliberal e, ao mesmo tempo, antimoderno.

Nesse sentido específico, ele pode ser considerado, então, uma "nova onda" do fascismo (PATSHIKI, 2012; PRADO, 2021), pautado por uma maior flexibilidade em relação aos símbolos e às propostas originais e cuja performance está mais presente na tática de comunicação e prática política, baseando-se na atualização contextual de revisionismos, negacionismos e conspirações para fundamentar governos populistas iliberais, seja em aliança com o programa econômico neoliberal, seja com um programa estatizante. Nesse sentido, o fascismo possuiria uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares, podendo se atualizar ao longo do tempo, como já antevia, de certa forma, Hobsbawm (1995, p.122). O Nacional-Bolchevismo, lido pelo Nova Resistência, seria, assim, um neofascismo *sui generis*, cujas fronteiras entre as imagens cristalizadas da esquerda e da direita⁵⁵ se encontram borradas de maneira particular.

Não é o caso, de forma alguma, de cair no diversionismo do "nazismo de esquerda", (mal) fundamentado em uma interpretação descontextualizada do que é a esquerda como campo político, confundindo a promoção tática de políticas a favor de trabalhadores e planejamento estatal com a essência do conceito de esquerda. Para serem bem compreendidos para além de um entendimento como valores opostos (igualdade x desigualdade; controle x liberdade; justiça social x competição) ou como construção político-econômica (regulação da economia x livre mercado) ou ainda como disputa entre tendências hegemônicas ou opositoras (a ala

⁵⁵ De acordo com Bernardo (2012, s/p.): "abordar o fascismo, não o lugar-comum que as pessoas imaginam que existiu, mas aquele que existiu mesmo, é profundamente incômodo. O fascismo não foi uma corrente política e ideológica com as margens bem demarcadas. [...] o fascismo situou-se na direita da direita, mas isto ajuda mais a confundir do que a esclarecer, porque o fascismo transportou alguns dos principais temas da esquerda para o interior da direita e transportou os principais temas da direita para o interior da esquerda. Foi esta operação que lhe conferiu a sua grande novidade".

à esquerda do partido nazista x a ala à direita no partido comunista), os conceitos de esquerda e de direita devem agregar uma compreensão contextual e histórica das correlações de força entre classes e o sentido regressivo ou progressivo para as lutas de emancipação (não somente anti-capitalistas, mas anti-opressões).

Sendo assim, o fascismo e o nazismo são de direita como movimentos políticos atrelados à criação de formas de desigualdades baseadas em concepções sobre a natureza humana (racismo) e nas relações entre governantes e governados (elitismo) bem como por sua vinculação com as classes fundamentais do capitalismo. A grande questão para a teorização política, na verdade, é o acerto de contas com a experiência soviética, especialmente do stalinismo. Há um ponto de vista hegemônico que enxerga, na revolução de outubro, um movimento de esquerda. Não há que se opor a este ponto de vista, tendo em vista seu caráter programático e correlação de forças, anti-czarista e a favor da construção de uma sociedade igualitária a partir do controle operário e camponês da vida econômica e política. A questão se torna mais complexa, contudo, quando se analisa mais de perto a formação do bolchevismo e a tática de "golpe" contra outras tendências comunistas de esquerda para o controle do processo revolucionário, bem como políticas implementadas por Lênin no sentido do fortalecimento da direção do partido contra o poder dos soviets e do militarismo exacerbado (SERVICE, 2018). Não há, entretanto, que se obstar quanto à diferença fundamental entre um sentido ainda progressista em Lênin, quando comparado com o regime despótico e burocrático da URSS sob o comando de Stálin. Mas há continuidade ou ruptura entre os dois modelos?

Defende-se nesse ponto, a posição de Fausto (2017a; 2017b) a respeito de certas continuidades, com base na qual se poderia classificar o bolchevismo como um movimento de ideias similares, mas de uma ruptura essencial com a orientação stalinista, entendido como momento regressivo. Contudo, a ideia de *totalitarismo igualitarista* ainda é insuficiente se, para além do raciocínio contrastivo entre os dois totalitarismos, não se atrela ao argumento a interpretação do stalinismo como processo *sui generis* de "acumulação primitiva de capital" (HADDAD, 1993)⁵⁶. Sob o marxismo transformado em ideologia⁵⁷ e em um contexto iliberal (falta de liberdade de manifestação e expressão e direitos humanos fundamentais), projetou-se uma dinâmica que cumpriu com todos os aspectos da separação entre o ser humano e seus meios de produção e sua submissão à lógica do trabalho produtivista, disciplinado e militarizado. Mesmo considerando o papel da URSS na sustentação de lutas pela independência de países do "Terceiro Mundo", e embora seja uma

⁵⁶Apoia-se, aqui, as críticas ao stalinismo com base no conceito marxista de "acumulação primitiva de Capital" ou "acumulação originária de Capital", realizada por Haddad (1993) e Bresser-Pereira (1993) em suas críticas às teses de Robert Kurz (1993) sobre o fenômeno. A acumulação originária de Capital ocorreria através da expropriação de terras e exploração de trabalhadores, sem ser necessário haver já constituído uma economia de mercado internamente - com salário, preço e lucro - embora, voltado ao exterior, haja uma balança comercial de importação e exportação entre a URSS e outros países.

⁵⁷No campo marxista, sobre a utilização do marxismo como ideologia - ou seja, como disfarce à opressão - pelos bolcheviques, sobre a crítica a revolução soviética como "contra-revolução burocrática" e leituras lineares da história em Marx, cf. MARX; ENGELS, 2013; RÜHLE, 1978; KORSH, 1977; 1978; VIANA, 2012.

sociedade sem mercado, o sentido da experiência soviética não foi a emancipação humana, nem o rompimento com o Capital e a extração de tempo de trabalho humano não pago (POSTONE, 2014). A estratégia de "socialismo em um só país" de Stálin, mais especificamente, poderia ser lida como uma forma de Nacional Comunismo implícito, mas, ao mesmo tempo, uma contrarrevolução burocrática (KORSCH, 1978) e uma negação da autonomia dos Nacionais Comunismos concorrentes.

Esta ideia coaduna, em parte com a posição do próprio Dugin, para o qual, o "nacional-esquerdismo" ou "nacional-comunismo" teria uma natureza singular, característica da realidade dos países que, segundo o marxismo ortodoxo, estariam despreparados para as revoluções socialistas por seu caráter agrário, subdesenvolvimento industrial, escassez de proletariado e preservação de condições sociais arcaicas (pré-modernas). Foi justamente nestes contextos que as revoluções socialistas tiveram maior sucesso "através de narrativas nacionais arcaicas da mobilização do marxismo como um mito escatológico nacionalmente interpretado" (DUGIN, 2021, p.248). Para Dugin, o nacional-comunismo, muitas vezes não declarado pelos quadros oficiais de partidos que se definem simplesmente comunistas ou marxistas ortodoxos, teria dominado a URSS, China, Coreia do Norte, Cuba e em movimentos "terceiro mundistas" (Chiapas, no México; Sendero Luminoso, no Peru; Bolívia e Venezuela) que conjugaram ideias de esquerda com "energias nacionais" arcaicas, étnicas e religiosas.

Assim, se na Alemanha do início do século XX e na Rússia do século XXI o Nacional-Bolchevismo não encontrou uma oportunidade para consolidar-se em uma forma política, através de Dugin e do Nova Resistência, um Nacional-Bolchevismo remodelado procura adaptar-se à diferentes situações nacionais com o intuito de, enfim, dar corpo a uma forma política mobilizadora, visando dar respostas aos problemas econômicos e políticos de países da periferia do capitalismo que lidam com a hegemonia do neoliberalismo. Entretanto, há uma diferença fundamental entre o Nacional Comunismo defendido na Alemanha, especialmente por Paetel, e a releitura Dugiana: Paetel recusa a "velha ideia imperial", fundamento de boa parte dos princípios Tradicionalistas de Dugin⁵⁸. Assim, a submissão do Nacional-Bolchevismo ao Neo-Eurasianismo e ao Tradicionalismo, aproxima o Nova Resistência do sentido último presente nos movimentos de direita neofascista, embora ele se esforce por uma concorrência mimética com os movimentos de esquerda. Ao reivindicar os princípios do "conservadorismo de esquerda" do "conservadorismo revolucionário", ele arrisca-se a replicar experiências nacionalistas que mobilizaram a classe trabalhadora e a sociedade civil, mas acabaram por podar sua autonomia, sufocando a luta de classes no interior de um tipo de corporativismo estatal iliberal; uma concepção que prepara o terreno para um tipo de ressurgimento nacional "reacionário-futurista" e expansionista.

⁵⁸ É óbvio que a velha "ideia imperial" medieval do poder supranacional. O governante cristão, que o imperador alemão ainda encarna à la Dante, não tem nada a ver fazer com isso. Seu objetivo final, também, a "pacificação do mundo pelo portador do cetro do Imperium", tornou-se irrelevante. A Alemanha socialista é de um tipo diferente essência inteiramente (PAETEL, 1933, p. 64).

Referências bibliográficas

- ALLARDYCE, Gilbert. What fascismo is not: thoughts on the deflation of a concept. *American Historical Review*, n 2, 1979.
- ALEKSEEVICH, Kanaev Artem. *Ernst Nikish, Nacional Bolchevismo e a União Soviética*. Bacharelado em História. Universidade de São Petersburgo - São Petersburgo, 2020.
- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ASCHER, Abraham; LEWY, Guenter. National Bolshevism in Weimar Germany: Alliance of Political Extremes against Democracy. *Social Research*, pp. 450-480, 1956.
- AUGUSTO, André Guimarães. *Visão de mundo aristocrática e a contrarrevolução conservadora*. **niepmarx.blog**, 2017. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc453.pdf> Acesso: 24/05/2021
- BENDLE, Mervyn F. *Putin's Rasputin*. 3 de setembro de 2014. Disponível em <https://quadrant.org.au/magazine/2014/09/putins-rasputin/> Acessado em 21/05/2021.
- BENOIST, Alain de. *L'idees à l'endroit*. Paris. Editions Libres Hallier, 1979.
- BERNARDO, João. *Alexander Dugin: o artigo que não escrevi*. **Passa Palavra**. 2019. Disponível em: <https://passapalavra.info/2012/09/63916/> Acesso: 25/05/2021.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Colapso da modernização ou crise cíclica?. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 36, p. 42-48, 1993.
- BREUER, Stefan. *Anatomie der konservativen Revolution*. Darmstadt, 1993.
- CARNEIRO, Henrique; SAUDA, Aldo. *Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil*. **Contrapoder**. Disponível em: <https://contrapoder.net/colunas/hibrido-entre-neofascismo-e-stalinismo-alexander-dugin-chega-ao-brasil/> Acesso: 25/05/2021
- CARVALHO, Olavo de. *O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qYqJC_Pw7nk. Acesso em 06/03/2021
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. 1ª. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1978.
- DA EMPOLI, Giuliano. *Os Engenheiros do Caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- DE FELICE, Renzo. *El fascismo: sus interpretaciones*. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- DEMIRDJIAN, Liliana A.; GONZÁLEZ, Sabrina. La república entre lo antiguo y lo moderno. In: BORÓN, Atilio (comp.), *La filosofía política moderna*. De Hobbes a Marx, Buenos Aires, CLACSO, 2000.
- DUGIN, Aleksandr; CARVALHO, Olavo de. *Os EUA e a Nova Ordem Mundial. Um Debate Entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas: CEDET, 2012.
- DUGIN, Aleksandr. *A Quarta Teoria Política*. Londres: Arktos Media, 2012

- DUGIN, Aleksandr. *O Grande Reset e o Grande Despertar*. 03/03/2020. Disponível em; <http://novaresistencia.org/2021/03/03/o-grande-reset-e-o-grande-despertar/>. Acesso em 25/05/2021.
- DUPEUX, Louis. *National-bolchevisme en Allemagne sous la République de Weimar - Stratégie communiste et dynamique conservatrice*. Essai sur les différents sens de l'expression "National-bolchevisme". Paris, 1976.
- DUPEUX, Louis. (dir.) *La Révolution conservatrice sur l'Allemagne de Weimar*. Paris, 1992.
- DUPEUX, Louis. La Nouvelle Droite 'Révolutionnaire-Conservatrice' Allemande Et Son Influence Sous La République De Weimar. *Revue D'histoire Moderne Et Contemporaine*, vol. 41, no. 3, 1994, p. 471-488. JSTOR, www.jstor.org/stable/20529989. Accessed 29 May 2021.
- ECO, Umberto. Ur-Fascism. *New York Review of books*, 22 de junho de 1995.
- EVOLA, Julius. *O fascismo visto da direita política*. Edição Kindle. 2020.
- FAUSTO, Ruy. *O ciclo do totalitarismo*. São Paulo: Perspectiva, 2017a.
- FAUSTO, Ruy. *Caminhos da Esquerda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Do Fascismo ao Populismo na História*. São Paulo: Almedina, 2019.
- GENTILE, Emilio. *Fascismo. Storia e interpretazione*. Rome/Bari. 2002
- GRIFFIN, Roger. *Fascist Century*. Nova York, Palgrave Macmillan, 2008.
- HADDAD, Fernando. Interpretando a História - Os tropeços de Kurz. Teoria e Debate, 1993. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1993/05/01/interpretando-a-historia-os-tropecos-de-kurz/>. Acesso: 24/05/2021.
- HAMMOND, Thomas T. The origins of National Communism. *The Virginia Quarterly Review*, vol. 34, no. 2, University of Virginia, 1958, pp. 277-91, <http://www.jstor.org/stable/26442368>.
- HAYEK, Friedrich. *The Road to Serfdom*, Ark Paperbacks, London, (1944) 1986.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- KAUTSKY, Karl. *A Ditadura do Proletariado*. São Paulo. Ed. C. Humanas, 1979.
- KLEMPERER, Klemens. Towards a Fourth Reich? The History of National Bolshevism in Germany. *The Review of Politics*, Vol. 13, No. 2, pp. 191-210, 1951.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto, Afrontamento, 1977.
- KORSCH, Karl et al. *A Contra-Revolução Burocrática*. Coimbra, Centelha, 1978.
- KRAUSZ, Tamás. *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

- LAURELLE, Marlène. Histoire d'une usurpation intellectuelle : L. N. Gumilev, 'le dernier des eurasistes'? Analyse des oppositions entre L.N. Gumilev et P. N. Savickij. *Revue des Études Slaves*, págs. 449-459, 2001.
- LÊNIN, Vladímir Ilitch. *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. 6ª edição, São Paulo, Global, [1920] 1989.
- LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. *Crítica marxista*, pp. 51-79, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/losurdo/2002/mes/totalitarismo.pdf> Acesso: 19/05/2021.
- LOSURDO, Domenico. Stálin e Hitler: irmãos gêmeos ou inimigos mortais? In: JINKINGS, Ivana. *1917: o ano que abalou o mundo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LUCKÁCS, György. Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo. In: *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 2009
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. São Paulo: Fund. Rosa Luxemburgo, 2017.
- MACHADO, Raphael. *Não existe tal coisa como um "marxismo cultural"*. 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2021/02/23/nao-existe-tal-coisa-como-um-marxismo-cultural/>. Acesso: 25/05/2021.
- MARKUS, Vasyl. El Nacional Comunismo En La U.R.S.S. *Foro Internacional*, vol. 1, no. 4 (4), El Colegio De Mexico, 1961, pp. 587-618. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/27736961/>. Acesso: 25/05/2021.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. LÖWY, Michael (org.), Trad. Nélío Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013, 164p.
- MATOS, Didimo. O neo-eurasianismo e o despertar russo. *Revista de Geopolítica*, v. 3, n. 2, p. 71-79, 2016.
- MELO, Demian; MONTEIRO, Marcio. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. *Revista Direito e Práxis*, n.3, p.2256-2294, 2017.
- MERLIO, Gilbert. Y a-t-il eu une 'Révolution Conservatrice' sous la République de Weimar? *Revue Française D'Histoire Des Idées Politiques*, no. 17, 2003, pp. 123-141. JSTOR, www.jstor.org/stable/24610230. Accessed 1 June 2021.
- MOHLER, Armin. *Die konservative revolution in Deutschland 1918-1932*. Vorwek, 1950.
- MOSSE, George. *The Fascist Revolution: Toward a General Theory of Fascism*. Nova York, Howard Fertig, 1998.
- MOUK, Yascha. *O povo contra a democracia - porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NIKOLSKI, Véra. Le Parti National Bolchevique Russe: Une Entreprise Politique Hétérodoxe. *Critique Internationale*, nº. 55, 2012, p. 93-115. JSTOR, www.jstor.org/stable/24566868. Accessed: 29 May 2021.
- NOLTE, Ernst. *La guerra civil europea 1917-1945: Nacionalsocialismo y bolchevismo*. México, FCE, [1987] 1994.

- NOVA RESISTÊNCIA. *Nova Resistência. Liberdade! Justiça! Revolução*. 2015. Disponível em: <http://novaresistencia.org/>. Acesso: 25/05/2021.
- NOVA RESISTÊNCIA. *Destruindo o Brasil Paralelo*. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2017/11/03/destruindo-o-brasil-paralelo/>. Acesso: 25/05/2021.
- NUNES, Thainá; SILVA, Mayane. Fundamentos da geopolítica neo-eurasianista na inserção russa no caso sírio. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, n. 1, 2018.
- PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista (1926). In: PACHUKANIS, E. B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo (1927). In: PACHUKANIS, E. B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PACHUKANIS, Evguiéni B. A crise do capitalismo e as teorias fascistas do Estado (1931). In: PACHUKANIS, E. B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PACHUKANIS, Evguiéni B. Como os sociais-fascistas falsificaram os soviets na Alemanha (1933). In: PACHUKANIS, E. B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PAETEL, Karl Otto. Das nationalbolschewistische Manifest. Verlag. *Die Sozialistische Nation*, 1933.
- PAETEL, Karl Otto. Deutsche Jugendbewegung: Ein Literaturbericht. *Politische Vierteljahresschrift*, vol. 8, no. 3, Nomos Verlagsgesellschaft mbH, 1967, pp. 461-76, <http://www.jstor.org/stable/24194289>.
- PAETEL, Karl Otto. *Nationalbolschewismus und nationalrevolutionäre Bewegungen in Deutschland: Geschichte, Ideologie, Personen*. Verlag Bublies, 1999.
- PAXTON, Robert O. *A Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social*. Uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PNBB - PARTIDO NACIONAL-BOLCHEVIQUE BRASILEIRO. *Programa*. 17 de junho de 2019. Disponível em: <https://pnbb.com.br/programa/>. Acesso: 25/05/2021.
- PRADO, Michele. *Tempestade Ideológica*. Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo, SP: Editora Lux, 2021.
- RÜHLE, Otto. A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta contra o Bolchevismo. In: KORSCH, Karl et. al. *A Contra-Revolução Burocrática*. Coimbra, Centelha, 1978.
- SALVI, Rafael. *Alexandre Dugin, guru de Putin, lança manifesto contra o "Great Reset"*. 06 de março de 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/alexandre-dugin-guru-de-putin-lanca-manifesto-contr-o-great-reset/>. Acesso: 25/05/2021.
- SERVICE, Robert. *Camaradas*. Uma história do comunismo mundial. Rio de Janeiro, DIFEL, 2018.
- SOREL, Georges. *Sindicalismo revolucionário*. Madrid: Júcar, 1978.

- SOUZA, Danilo Rogério de. A nova geopolítica russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, v. 3, n. 2, p. 61-70, 2016.
- SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Brasília: Ed.UnB, 1986
- SPENGLER, Oswald. *Presentun und Socialismus*. München, C. H. Beck. München, 1924.
- STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo - a política do "nós" e "eles"*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- STERNHELL, Zeev. *The birth of Fascist Ideology: from cultural rebellion to political revolution*. Princeton, University Press, 1994.
- STERNHELL, Zeev. Fascism: reflection on the fate of ideas in twentieth century history. *Journal of Political Ideologies*, vol. 5, n. 2, 2000.
- STERNHELL, Zeev. *The Anti-enlightenment Tradition*. New Haven, CT, Yale University Press, 2009.
- TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, SP: Unicamp, 2020a.
- TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela Eternidade” desvenda a base ideológica que funda a nova direita*. 2020b. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/12/10/guerra-pela-eternidade-desvenda-base-ideologica-que-funda-nova-direita>. Acesso: 25 de maio de 2021.
- TRAVERSO, Enzo. Espectros del fascismo. Pensar las derechas radicales en el siglo XXI. *Herramienta*, n. 58. Buenos Aires, otoño de 2016.
- TROTSKY, Leon. Contra o nacional-comunismo. (As lições do plebiscito 'vermelho'). 25 ago. 1931. In: TROTSKY, Leon. *Revolução e contra-revolução*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968. p. 65-90.
- TROTSKY, Leon. *Fascismo - O que é e como combatê-lo*. Nova Fronteira, 2019.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A 'guerra cultural' neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. *Revista De História da UEG*, 10(02), e022101 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11549>
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha; MARIZ, Silvana Fernandes. O 11 de setembro como marco simbólico do revisionismo histórico à direita: 'guerra cultural', elitismo e geopolítica civilizacional. *Locus; Revista de História*, v. 27, p. 72-95, 2021.
- VAZ, João José. *De Alexandria ao identitarismo: presenças gnósticas na direita radical contemporânea*. Dissertação. Estudos sobre a Europa. **Universidade Aberta**, 2018.
- VIANA, Nildo. A teoria da revolução proletária em Otto Rühle. *Revista Enfrentamento*, v. 11, n. 11, 2012.

VRONSKAYA, Jeanne & CHUGUEV, Vladimir. *The Biographical Dictionary of the Former Soviet Union*, London: Bowker-Saur, 1992.

WIEDERKEHR, Stefan. "Conservative Revolution" à La Russe? An Interpretation of Classic Eurasianism in a European Context. *Revue D'histoire Européenne Contemporaine*, vol. 15, no. 1, 2017, pp. 72-84. JSTOR, www.jstor.org/stable/26266271. Accessed 29 May 2021.



Recebido em dezembro de 2021
Aceito para publicação em março de 2022